

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL
EM REDE (PROFLETRAS)
UNIDADE DE ITABAIANA-SE**

MARIA EDRIANA DOS SANTOS ROCHA

**RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO E FACEBOOK:
PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA PARA O 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Orientadora: Prof^a Dr^a Márcia Regina Curado
Pereira Mariano

**ITABAIANA-SE
2015
MARIA EDRIANA DOS SANTOS ROCHA**

**RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO E FACEBOOK:
PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA PARA O 9º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

CADERNO PEDAGÓGICO, anexo da Dissertação do Trabalho de Conclusão Final (TCF) apresentado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS) – UNIDADE DE ITABAIANA - da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito necessário para a obtenção de título de Mestre em Letras.

ITABAIANA-SE

2015

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
PARTE I - O UNIVERSO DA RETÓRICA E DA ARGUMENTAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ENSINO COM GRUPOS DO FACEBOOK	5
1 RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO EM POSTAGENS AUTORAIS DO FACEBOOK	5
1.1 DESCRIÇÃO DO MÉTODO E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	5
2 ELUCIDANDO CONCEITOS – O PARÁGRAFO COMO UNIDADE DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO	13
2.1 ENCADEAMENTO DE FRASES	14
2.2 ELEMENTOS ESTRUTURANTES DE NEXOS NAS FRASES.....	16
2.3 ARGUMENTOS PELO RACIOCÍNIO E PELO EXEMPLO.....	19
3 FAMILIARIZANDO-SE COM A RETÓRICA: LEITURA E ANÁLISE DE POSTAGEM AUTURAL DO FACEBOOK	23
3.1 FIGURAS RETÓRICAS E DE ARGUMENTAÇÃO	24
3.2 PASSOS PARA UMA LEITURA E ANÁLISE RETÓRICA	25
PARTE 2 – SUGESTÕES DE ATIVIDADES	33
1 A HORA E A VEZ DA LEITURA.....	33
.....	35
2 A HORA E A VEZ DA ESCRITA	36
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS.....	44
ANEXO A - TUTORIAL: CRIAÇÃO DE GRUPO NO FACEBOOK.....	44
ANEXO B - TEXTOS SUGERIDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES NO ITEM A HORA E A VEZ DA ESCRITA.....	46

INTRODUÇÃO

A organização deste caderno pedagógico surgiu como uma proposta de produção de material didático, para o ensino de Língua Portuguesa, do Mestrado Profissional em Letras (Profletras/Capes), da Universidade Federal de Sergipe Campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana, Sergipe.

O baixo desempenho em leitura dos estudantes das séries finais do ensino fundamental e a constatação de que, no 9º ano, a maior parte dos alunos não alcança as competências e habilidades previstas para a série/ano e, pior ainda, a comprovação de que as habilidades avaliadas pela Anresc/Prova Brasil/Saeb, avaliação em larga escala realizada pelo Inep, situam-se de forma geral nos níveis referentes ao 6º e 7º anos foram os fatores determinantes para a elaboração desta proposta.

No intuito de disponibilizar para os professores de Língua Portuguesa um material que trouxesse tanto elementos de base para o exercício da leitura quanto para o da escrita de textos argumentativos, uma vez que os níveis de desempenho alcançados na Prova Brasil demonstram carência dos alunos nesse aspecto, propomos desenvolver um método de ensino que envolva a rede social Facebook como recurso para estimular o uso de estratégias e técnicas de retórica e de argumentação em postagens autorais e comentários do Facebook, configurando o início de um exercício para a argumentatividade, a ser aprofundado com outros textos maiores e mais complexos.

Desse modo, este caderno visa, por meio da criação de um grupo no Facebook, orientar o docente a: 1) promover a integração dos membros e a interação entre eles; 2) estimular o debate sobre temas de caráter controverso levantados pelos próprios membros, que despertem a discordância e diversidade de pontos de vista; 3) desenvolver atividades de leitura e análise dos recursos, técnicas e estratégias retóricas e argumentativas; 4) aplicar os conhecimentos apreendidos, durante as leituras, em exercícios de produção de textos argumentativos, tendo em vista sua funcionalidade discursiva.

A proposta aqui apresentada é resultado de nossa pesquisa no Mestrado Profissional em Letras (Profletras/UFS/Itabaiana/SE), com o apoio da Capes, que teve como objetivo geral apresentar estratégias de leitura e escrita, com ênfase em atividades de produção de textos do universo do argumentar, para o 9º ano do ensino fundamental, na perspectiva da retórica e da argumentação, através de postagens autorais do Facebook; e, como objetivos secundários: a) investigar a aplicabilidade dos conceitos retóricos em postagens autorais e comentários do

Facebook; b) organizar caderno pedagógico de leitura e produção de textos argumentativos e persuasivos.

A aplicação do método de ensino de leitura e escrita de textos argumentativos ocorreu entre 27 de abril a 20 de junho de 2015 e envolveu alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Dr. Augusto César Leite, Itabaiana, Sergipe. Dessa experiência, foi possível verificar a aplicabilidade dos conceitos de retórica e argumentação em postagens autorais e comentários do Facebook e elaborar e aprimorar atividades de leitura e escrita do ponto de vista do discurso.

Ao levar em conta o grau de complexidade das bases teóricas do nosso trabalho e a necessidade de apresentar um material que garanta ao professor, geralmente sobrecarregado com muitas horas-aulas semanais, maior facilidade de compreensão e uso dessas teorias para o ensino da leitura e da produção de textos da ordem do narrar, optamos por adequar ao nosso público – os profissionais de ensino de Língua Portuguesa – a exposição dos conceitos retóricos abordados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), em *O Tratado da Argumentação*, com apoio das técnicas de argumentação, tomando o parágrafo como unidade de reflexão, tratadas por Meyer (2008) em *A arte de argumentar*.

Para tanto, este caderno está organizado em duas partes: a primeira, traz as orientações básicas para a aplicação de atividades de leitura e escrita de textos argumentativos, com apoio em conceitos de retórica e de argumentação; e aborda conceitos e análise retórica de textos (postagens autorais e comentários do Facebook), para que o professor se familiarize com a teoria de base e possa extrair dela aquilo que considera aplicável em sua prática pedagógica. A segunda, apresenta sugestões de atividades de leitura e de escrita de textos, a partir de assuntos que gerem divergências de ponto de vista e estimulem o debate, a participação e a organização do discurso a partir das técnicas e estratégias apontadas pelos estudiosos da retórica e da argumentação, a serem desenvolvidas com os alunos do 9º ano do ensino fundamental. Acompanha este caderno um tutorial sintético de como criar um grupo no Facebook, já que esta rede social será utilizada como uma ferramenta de apoio ao método proposto.

Esperamos, enfim, contribuir, de alguma forma, para práticas de ensino de leitura e de escrita mais dinâmicas e significativas, com foco no ensino dos recursos da língua que possam ser usados em situações e contextos próprios, para tornar os textos dos alunos mais persuasivos, disponibilizando, assim, uma nova abordagem do estudo da argumentação e de elaboração do discurso.

PARTE I - O UNIVERSO DA RETÓRICA E DA ARGUMENTAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ENSINO COM GRUPOS DO FACEBOOK

1 RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO EM POSTAGENS AUTORAIS DO FACEBOOK

Em nosso trabalho de pesquisa sobre a aplicabilidade dos conceitos de retórica e de argumentação de base perelmaniana em postagens autorais e comentários do Facebook, desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras (Profilletras/Capes/UFS/Itabaiana/SE) e aplicado com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Dr. Augusto César Leite (Itabaiana-SE), criamos um grupo, nessa rede social, por meio do qual estimulamos o debate sobre temas controversos e, a partir das necessidades discursivo/textuais identificadas na produção de texto dos estudantes, desenvolvemos atividades de leitura e de escrita que permitissem a eles posicionar-se reflexiva e criticamente a respeito do próprio processo de leitura e de produção de textos. O foco de toda a experiência centrou-se na organização do discurso, naquilo que poderia possuir de argumentativo e persuasivo.

Para tanto, selecionamos alguns conteúdos básicos, apoiados na linguística textual e na pragmática. Assim, iniciamos pelo parágrafo como unidade de reflexão, inclusive porque, no próprio Facebook, a maior parte das publicações autorais fica mesmo no nível do parágrafo, ou seja, os usuários falam sobre qualquer coisa em até um parágrafo não muito longo, motivo que nos fez acreditar que atrairia a atenção dos estudantes para o exercício inicial sobre argumentação e persuasão. É evidente que, com essa característica, as atividades propostas neste caderno, fazendo uso do Facebook, exigirão leitura e escrita de textos mais longos e complexos a serem encontrados e veiculados em outros suportes textuais.

Nesse sentido, e considerando a carência dos estudantes em nível textual, começamos os exercícios de escrita pelo encadeamento de frases (Meyer, 2008), etapa aplicada e analisada durante a pesquisa, a partir da qual foi possível detectar falhas que puderam ser sanadas em tempo. O material elaborado com exercícios para os alunos, durante nossa pesquisa, constava, além do encadeamento de frases, elementos estruturantes de nexos nas frases, visando sempre à argumentatividade, ou seja, não foram exercícios meramente linguísticos, pois tinham em vista a organização do discurso persuasivo.

1.1 DESCRIÇÃO DO MÉTODO E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

1º PASSO: PROPORCIONANDO O CONTATO COM A RETÓRICA E A ARGUMENTAÇÃO

Para averiguar o grau de adesão à proposta do trabalho de argumentação, sustentada nas técnicas e estratégias retóricas, apresentamos, aos alunos do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Dr. Augusto César Leite, o conceito de Retórica e de Argumentação, utilizando a técnica conhecida entre nós por *Tempestade de Ideias*. Nesse momento, foi possível verificar se os alunos poderiam captar e apreender outros conceitos associados à retórica e à argumentação. Propomos, então, a leitura de uma postagem autoral do Facebook que versava sobre as manifestações de 15 de março, contra Presidente Dilma Rousseff.

Utilizamos para essa leitura as partes do discurso persuasivo, de acordo com a retórica: o sistema retórico, através do qual os estudantes puderam identificar o contexto retórico do discurso, a questão ou problema retórico, o tema e as partes do sistema retórico. Na exploração das partes do discurso persuasivo (sistema retórico), foi possível também apresentar, para os alunos, as figuras de retórica e de argumentação.

Embora, no período da pesquisa, tenham sido aplicadas apenas como proposta de uma leitura retórica, sugerimos que outras atividades, envolvendo os meios de sustentação dos argumentos (os meios de raciocínio e o exemplo, o pressuposto, a posição do enunciador e a refutação de uma tese) sejam desenvolvidas em atividades de escrita de textos, pois são técnicas e estratégias que dão peso à argumentação e favorecem a persuasão.

Concluída essa fase e comprovado que os alunos estavam aptos para realizar as atividades, demonstrando predisposição para explorar o universo retórico, partimos para o segundo passo desta proposta: a criação de um grupo no Facebook. A escolha desse recurso se deu pela visível naturalização de seu uso pelos jovens adolescentes que facilmente acessam a rede através de aparelhos celulares. Contribuem para essa naturalização e facilidade de acesso o fato de o Facebook ser uma rede social gratuita e de haver uma atualização frequente das tecnologias dos dispositivos móveis que garantem o acesso facilitado à internet.

Após essa breve descrição de nossa experiência, apresentamos a seguir, como orientações metodológicas, as demais fases desta proposta. Para isso, usaremos uma linguagem de orientação e não de relato.

2º PASSO: CRIANDO UM GRUPO NO FACEBOOK COMO RECURSO DE ESTÍMULO À LEITURA E À PRODUÇÃO DE TEXTOS

Abordados os conceitos de retórica e de argumentação, para que se iniciem as atividades de produção de texto, o passo seguinte é a criação de um grupo no Facebook. Para tanto, o professor já deve ter uma conta na rede social. Caso ainda não tenha, é simples fazer isso: basta acessar a página do Facebook (<http://www.facebook.com/>)¹ e seguir as instruções que a página disponibiliza.

A escolha do nome do grupo pode ser feita em sala de aula, a partir de sugestões dos alunos. Isso motiva a participação e estimula estabelecer acordos em nome do bom senso e do objetivo a que se propõe a criação do grupo. O professor, ao criar o grupo, deve proceder à personalização, conforme recursos disponibilizados pelo Facebook, inclusive, escolhendo a opção de privacidade. Sugere-se que o professor opte por *grupo fechado*, pois, nesse caso, o acesso às publicações do grupo só pode ser feito por seus membros, sem expô-los a qualquer situação de constrangimento ou algo similar. Depois, o professor deve descrever o objetivo do grupo, convidar os membros e iniciar as atividades, com uma postagem que trate de um assunto de interesse dos alunos, de preferência, sobre algo ligado ao contexto escolar ou à própria comunidade, na qual a escola está inserida. Essa estratégia é bastante válida, uma vez que o assunto diz respeito diretamente aos alunos e mexe com suas paixões, motivando-os a se pronunciarem a respeito, a exporem seu ponto de vista, e conseqüentemente estimulando o debate. A proibição do uso do celular na escola, por exemplo, foi um tema que usamos e constatamos ter afetado todos os alunos. Mesmo que a escola já adote essa regra, pode-se trazer o assunto para discussão.

Outros temas que podem interessar são: reforma da escola, suspensão das aulas, construção de quadra de esportes, segurança na escola, obrigatoriedade do uso da farda, decisões da equipe diretiva sem consulta à comunidade escolar, a exemplo de suspender eventos escolares tradicionais na escola, como as quadrilhas juninas, típicas do nordeste brasileiro, entre outros. Temas mais amplos como racismo, *bullying*, discriminação e preconceito (de gênero, de cor, de etnia, etc.), violência, uso de drogas, gravidez na adolescência, intolerância à homossexualidade, o problema da água, sustentabilidade, redução da maioria penal, entre outros, poderão integrar o espaço de debate e despertar a problematização de conteúdos para além do espaço local e cotidiano dos alunos.

¹ Apresentamos, no final deste caderno, um tutorial para criação de grupos no Facebook.

O importante é o professor ter a sensibilidade de levantar um assunto que provoque os alunos, incitando-os para a discussão. Isso também pode ser conseguido com o bom uso de algumas técnicas como a pergunta retórica, por exemplo. Outra questão importante é o tamanho da postagem. Os alunos em geral não gostam de ler textos grandes, nem esse meio virtual é o mais adequado para isso, pois caracteristicamente engloba uma linguagem curta, com apoio de vídeos e imagens, preferencialmente utilizados pelos usuários. Desse modo, é importante a construção de uma postagem instigante, mas curta, pois, embora pareça contraditório à nossa proposta, já que a complexidade dos conceitos de retórica e de argumentação exige textos mais longos e estruturalmente mais complexos, essa estratégia visa tão somente fazer um convite ao estudante para o debate, para a descoberta de técnicas e estratégias discursivas que garantam o interesse pela leitura e escrita de textos maiores e mais elaborados do ponto de vista discursivo e, ainda, que permitam o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à formação de um leitor/produtor de textos proficiente.

Após a publicação da primeira postagem feita pelo professor para instigar os alunos a debaterem o assunto, aguardam-se os comentários. Não é necessariamente o professor quem deve fazer a primeira postagem autoral sobre um tema que contenha uma questão ou problema retórico controverso e desperte pontos de vista diversos. Os próprios alunos poderão ser convidados a fazer isso também e, certamente, surgirão temas controversos bastante instigantes para o debate que podem ser aproveitados pelo professor para direcionar atividades de leitura e escrita que permitam aos estudantes construir um repertório de argumentos a serem usados discursivamente tanto no grupo do Facebook quanto fora dele. É importante deixar claro para os estudantes que eles têm total liberdade de publicarem algo que seja do interesse deles, mas ressaltando a importância de trazerem assuntos passíveis de levantarem posições diferentes e controversas.

Durante uma semana, o professor visualiza diariamente o grupo para verificar a adesão dos alunos, bem como se eles trouxeram outros temas para discussão. É importante também o professor fazer comentários, pois, ainda que, de algum modo, sua participação possa tolher a espontaneidade dos alunos no grupo, certamente, será vista como uma forma de valorizar a publicação dos estudantes, além de levá-los a fazer reflexões mais aprofundadas sobre os temas em debate. Caso o professor utilize, em seus comentários ou mesmo em publicações, uma linguagem rebuscada e doutrinadora, possivelmente bloqueará a participação dos membros. Por isso, é preciso o professor ter cuidado para não transformar o grupo do Facebook em uma extensão de atividades avaliativas (no sentido tradicional do termo: avaliar,

controlar e punir os alunos) ainda comumente realizadas em classe. Ao contrário, o grupo deve ter um caráter leve, respeitoso e democrático de participação com vistas à construção coletiva do conhecimento.

A partir dos comentários da primeira publicação e de outras postagens autorais dos próprios estudantes, o professor investigará as dificuldades apresentadas por eles e deverá fazer uma triagem do tipo de dificuldade, identificando as do nível linguístico, textual e discursivo. É possível que, mesmo no 9º ano, os alunos apresentem dificuldades de organização do discurso no nível da frase e do parágrafo, bem como no nível dos argumentos. Por isso, neste último caso, é crucial prover os alunos de atividades de leitura, em sala de aula, envolvendo textos escritos, documentários, charges, narrativas e curtas-metragens, estimulando o debate e ampliando informações acerca do tema que eles demonstrarem domínio precário ou insuficiente de informações e argumentos sobre o assunto. As leituras deverão ampliar o universo de saberes dos alunos, para que os mesmos tenham onde buscar argumentos no momento de produzir seus textos. No caso de haver dificuldades no nível da frase e do parágrafo, o professor poderá desenvolver as atividades dessa etapa com o passo seguinte.

3º PASSO: TOMANDO O PARÁGRAFO COMO UNIDADE DE REFLEXÃO

Neste passo, o professor deve tomar uma postagem autoral ou comentário de um dos membros do grupo, organizar atividades de escrita, no nível da frase e do parágrafo, e aplicá-las, levando os alunos a perceberem a importância de elementos como: encadeamento das frases, elementos estruturantes de nexos, argumentos por meio do raciocínio ou pelo exemplo, posição do enunciador, implícito (dando ênfase ao pressuposto) e da refutação de tese na organização de um discurso persuasivo.

Antes de apresentar as atividades elaboradas, o professor poderá levar para os alunos, em material apostilado, exemplos dos recursos apresentados acima e qual valor argumentativo e efeito discursivo imprimem ao texto. Caso o professor detecte que os alunos carecem de outras leituras que possam contribuir para enriquecer as atividades, é sugestivo que selecione previamente alguns textos (verbais e não verbais) sobre o tema da postagem selecionada no grupo, de preferência curtos, mas trazendo, gradualmente, textos maiores e mais complexos discursivamente. Caso o professor opte por utilizar um texto menor, este deve ser significativo em informações e argumentos, para serem lidos, explorados e debatidos antes das atividades de escrita. Dessa forma, o aluno estará munido de conhecimentos suficientes para ajudá-lo a

construir frases mais elaboradas e parágrafos mais consistentes, com vistas à defesa de seu posicionamento.

A título de ilustração, é interessante o professor construir coletivamente, em sala de aula, frases e parágrafos sobre outros temas (sempre definindo as informações: *quem, para quem, o que, contra (ou a favor de) que, por que e como*), escrevendo na lousa, dando destaque aos elementos encadeadores de frases e estruturantes de nexos, aos argumentos (seja por raciocínio ou pelo exemplo), à posição do enunciador e à refutação de tese (se surgir).

A construção coletiva de parágrafos é um exercício bastante significativo, porque os estudantes se veem representados no texto, conforme sua contribuição. Além disso, sob a orientação do professor, o aluno é estimulado a refletir sobre a própria produção textual. É importante, mais uma vez, deixar claro quem é o orador² (qual sua intenção e o que deseja modificar), quem é o auditório e como o texto será socializado (publicado, veiculado, exposto, etc.). Essa reflexão e decisão merecem destaque o tempo inteiro, durante a realização das atividades não só de produção de texto, mas também de leitura, o que garante um olhar mais aguçado para o texto e para as escolhas feitas pelo orador.

4º PASSO: ESTIMULANDO O DEBATE NO GRUPO DO FACEBOOK.

O processo de ensino e aprendizagem não é estanque. Pelo contrário, é um processo de efeito bumerangue. Por isso, os conceitos, estratégias e técnicas podem ser retomadas a todo momento. Manter e estimular a relação dialógica no grupo do Facebook e trazer para sala de aula pontos e questões elucidativas sobre os assuntos colocados para discussão deverão fazer parte do processo de ensino e aprendizagem de leitura e de produção de textos. Desse modo, cabe ao professor resgatar temas publicados no grupo, levando outras leituras, outros pontos de vista a respeito do assunto. Uma dica interessante é selecionar pequenos documentários sobre o tema, levá-los para a sala de aula e mostrar para os alunos como o texto (do vídeo) é construído, quais pontos de vista estão presentes, quais os que estão pressupostos, que aspectos foram levantados, quais os que foram ignorados e o que isso representa de

² Como será visto mais adiante, em Retórica, o orador é aquele que fala, escreve, enuncia uma tese em um texto. É importante esclarecer que o orador/enunciador não é exatamente a figura concreta, física, corpórea daquele que escreve, mas é aquele que se revela no texto. Auditório refere-se ao público para o qual o orador se dirige, no texto escrito é o leitor, no texto oral, é o ouvinte. Em retórica há um jogo de representações, de imagens de orador e de auditório. Em um discurso o orador deve levar em conta a imagem que tem do auditório, a imagem que ele imagina que o auditório tem dele e a imagem que ele tem de si e que ele quer passar para seu auditório.

parcialidade, imparcialidade e neutralidade no discurso proferido. Depois, sugerimos utilizar um texto escrito e solicitar que, munidos dos conhecimentos sobre análise retórica, procedam à leitura e identifiquem a posição do enunciador, a que público se dirige, como organiza discursivamente o texto para persuadir esse público.

Preparando os alunos em termos de conteúdo e de estratégias e técnicas de escrita, por meio dos recursos da retórica e da argumentação³, o professor deve estimulá-los a levar a discussão realizada em sala para o grupo. Os alunos, mesmo que já tenham se expressado sobre determinado assunto sobre o qual leram textos e assistiram a documentários, por exemplo, devem ser provocados a escrever outra vez, mas, desta vez, utilizando alguns recursos e técnicas estudadas, podendo recorrer a figuras de retórica e de argumentação, ao sistema retórico para organizar seu discurso e a técnicas de organização do parágrafo. O objetivo é, além de levá-los a usar esses recursos, fazê-los refletir sobre o processo de escrita e perceber sua própria evolução, já que o Facebook torna-se um portfólio virtual, no sentido de arquivar todas as publicações que, depois, podem ser visualizadas e comparadas.

O grupo do Facebook poderá ser usado durante todo o ano letivo, visto que configura um espaço de aprendizagem contínuo para o aluno e de pesquisa para o professor, que também passa à condição de aprendiz, pois é uma oportunidade de aprender a lidar com essa ferramenta enquanto recurso pedagógico e a utilizar a própria discussão dos alunos para elaborar atividades que os ajudem a lançar um olhar mais reflexivo para os textos que leem e para os que escrevem.

A experiência com o grupo do Facebook apresentou algumas vantagens e desvantagens, que consideramos relevantes. No primeiro caso, o uso da rede social permitiu maior interação do grupo, devido a seu caráter atrativo e dinâmico; os estudantes sentiram-se livres para expor suas ideias a respeito do assunto, pois, diferente do que poderia acontecer em sala de aula, em debates orais, mesmo os alunos mais reservados demonstraram interesse em dar suas contribuições; as postagens e comentários dos estudantes poderão ser acompanhadas e, no decorrer das atividades, constituirão um portfólio com a história de escrita deles, o que permite que ele próprio perceba se houve evolução; o grupo apresentou-se como um recurso frutífero para iniciar o exercício de argumentação e organização discursiva. No segundo caso, observamos que a rede social limita o aprofundamento do estudo da argumentação, já que tipicamente se publicam textos curtos, de forma que não garante a

³ Ver item ou capítulo II, item 3 “Familiarizando-se com a Retórica: análise de postagem autoral do Facebook”.

exploração e uso de estratégias e técnicas de retórica e argumentação em toda sua expressividade e significação.

Outros obstáculos poderão dificultar o desenvolvimento das atividades, dentre os quais destacamos:

- os alunos, em sua maioria, podem não ter acesso à internet nem à rede social, o que pode ser corrigido com aulas no laboratório de informática com acesso à internet, onde os estudantes poderão fazer o seu perfil. Caso o acesso à internet não seja possível, a proposta de ensino da argumentação e retórica poderá ser redirecionada, pois o recurso ao Facebook configura uma estratégia pedagógica que inclui o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação na prática de ensino de língua portuguesa, o que não implica dizer que o conteúdo linguístico/discursivo trabalhado não possa ser desenvolvido por outros meios, convencionais ou não, a exemplo de cartas do leitor, publicadas em um jornal escolar, criado para estimular e valorizar a produção dos estudantes.

- a postagem de conteúdos por meio de textos longos e *links* de busca da informações não garante que o aluno faça a leitura desses textos, já que o universo cibernético e multimodal dá ao usuário a autonomia de percorrer seu próprio caminho de leitura, conforme seus interesses. Para evitar que isso aconteça, é importante o professor fazer um levantamento prévio do que poderia interessar aos alunos e ele próprio postar textos curtos de sua autoria que os provoquem e os estimulem para o debate;

- a ansiedade do professor de tornar o grupo uma extensão da sala de aula, no sentido disciplinar e autoritário do termo, pode minuar o interesse dos estudantes em participar das discussões, pois poderão se sentir avaliados e julgados. Por isso, é importante o professor realizar duas ações: esclarecer aos alunos que o objetivo do grupo é estimular o debate sobre temas de interesse deles e outros que possam lhes interessar, promover a interação entre os membros e aplicar técnicas e estratégias retóricas e argumentativas nos textos (postagens autorais e comentários) que publicam na rede social; e monitorar sua própria participação no grupo, colocando-se em nível de igualdade com os membros. Somente assim conquistará a confiança de todos e poderá intervir positivamente para a manutenção do grupo e de seus objetivos.

Para subsidiar a proposição metodológica descrita, elencamos alguns pontos que consideramos essenciais para o desenvolvimento de um discurso persuasivo. Para isso, tomamos o parágrafo como unidade de reflexão e organização discursiva, pois, acreditamos que, a partir de sua construção consistente, certamente, o estudante terá condições de

aprimorar suas habilidades de leitura e de escrita, de modo a tornar seus textos mais persuasivos e seu olhar para outros textos/discurso mais reflexivo e crítico.

Com a apresentação de conteúdos relacionados à argumentação, pretendemos auxiliar o docente no aprofundamento de alguns conceitos, de modo que possa lhe proporcionar segurança ao pensar e propor atividades de leitura e escrita de textos do domínio do argumentar.

2 ELUCIDANDO CONCEITOS – O PARÁGRAFO COMO UNIDADE DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Neste tópico, consideramos pertinente apresentar os conceitos com os quais o professor deverá ter contato para desenvolver o método de ensino proposto. Enfatizamos, nesse sentido, que não temos a pretensão de aprofundar a discussão exaustivamente, mesmo porque tornaria o material enfadonho e pouco produtivo para o efeito a que se presta: ser um material de apoio ao professor que dê ao professor subsídios para aplicar estratégias e técnicas retóricas e argumentativas, através grupos do Facebook, como recurso de estímulo ao debate e início de práticas discursivas, envolvendo a argumentação. Apresentamos, então, uma abordagem das técnicas e estratégias de retórica e de argumentação que sirvam de fonte de consulta para o professor, quando estiver planejando atividades de leitura e escrita de textos argumentativos, tendo como centro a organização discursiva.

Organizar um discurso, de modo a torná-lo convincente⁴, ou reconhecer, em determinado discurso, sua organização e os elementos que o tornam persuasivo requer que o leitor/escritor e / ou falante/ouvinte observem a estrutura do texto que concretiza esse mesmo discurso. Na concepção de Meyer (2008), todo ato de argumentar é, na verdade, uma tentativa de influenciar o outro, convencer o outro, fazer (ou pelo menos tentar fazer) o outro mudar.

Segundo Meyer (2008), para convencer, é preciso levar o interlocutor a refletir e, para isso, o orador precisa “dominar dois atos intelectuais: apresentar a ideia e justificá-la” (MEYER, 2008, p. 141). O parágrafo deve conter essa apresentação e essa justificação. Neste último caso, o autor considera que a justificação pode ocorrer por meio de um **raciocínio lógico** e pela apresentação de **exemplos**. Além disso, o autor apresenta técnicas de escrita no

⁴ Meyer (2008) utiliza o termo *convincente* e não *persuasivo* ao tratar do ato de argumentar ou de construir argumentos.

nível da frase, explorando elementos de integração da ideia na frase e da frase no texto, vistas como algo que pode ser aprendido por um enunciador que deseja ser convincente.

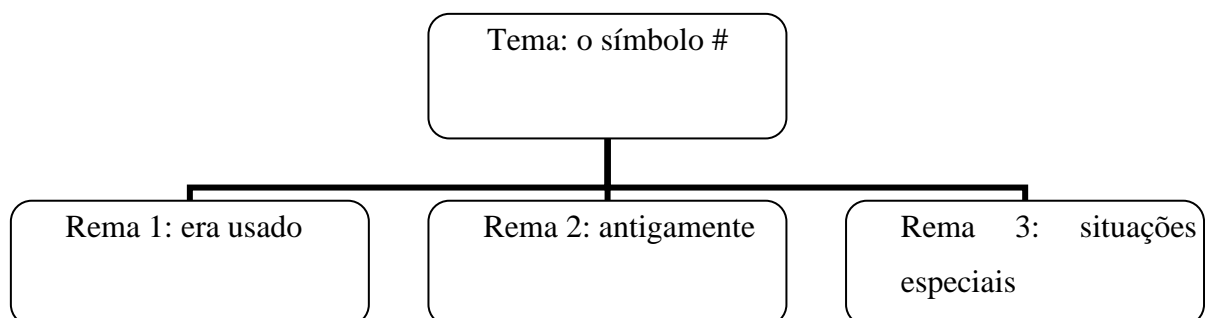
Iniciamos, portanto, nossa exposição seguinte a partir deste último tópico, por entender que a competência de organização de um discurso inicia-se mesmo pela organização da frase e pelas relações estabelecidas entre elas, tendo em vista a exposição e a defesa de pontos de vista. No final deste material, apresentamos sugestões de algumas atividades de leitura e de escrita, a partir de postagens autorais do grupo do Facebook, criado para o desenvolvimento de nossa pesquisa, a fim de demonstrar a aplicabilidade dos conceitos discorridos. Tais atividades poderão servir de orientação para exercícios de organização do discurso com os estudantes do ensino fundamental.

2.1 ENCADEAMENTO DE FRASES

Encadear as frases é um momento importante para a construção de um discurso. Segundo Meyer (2008), são quatro as formas de encadeamento de frases a partir da retomada do tema: 1) o tema da frase seguinte retoma o tema da frase inicial; 2) o tema da frase seguinte retoma o subtema da frase inicial; 3) o tema da frase seguinte retoma um dos temas da frase inicial; 4) o tema da frase anterior não retoma nada da frase inicial.


O tema geralmente refere-se ao sujeito, e aquilo que se fala do sujeito (ou seja, o predicado) é o que se denomina de rema ou comentário (ou subtema).

Exemplo: *Antigamente, o símbolo # (também chamado por nós de “jogo-da-velha”) era usado apenas em algumas situações especiais, como nas artes gráficas*⁵.



⁵ “Antigamente, o símbolo # (também chamado por nós de “jogo-da-velha”) era usado apenas em algumas situações especiais, como nas artes gráficas. Mas então veio o [Twitter](#) e transformou este símbolo mundano em uma sensação online. Hoje, se você está no [Twitter](#), [Instagram](#), [Pinterest](#), [Google+](#), [YouTube](#) ou [Facebook](#), você simplesmente não tem como evitar a presença das #hashtags”. Exemplo extraído da página de internet: <http://pt.wix.com/blog/2013/11/o-que-sao-hashtags/> Acesso em 22/03/2015, às 14h55.



1) Tema da frase seguinte retoma o tema da frase inicial: é a forma mais simples de encadeamento que, se utilizada com frequência, torna um tanto monótona a discussão.

- 
- (“O símbolo #”) *O hashtag passou então a incorporar a linguagem das redes sociais.*

2) Tema da frase seguinte retoma o subtema da frase inicial: o objetivo nesse caso é detalhar e aprofundar alguns aspectos envolvidos, enfim, desenvolver o tema.

- 
- (“redes sociais”) *Mas então veio o Twitter e transformou este símbolo mundano em uma sensação online.*

3) Tema da frase seguinte retoma um dos temas da frase inicial: esse recurso demonstra excelente domínio da nominalização, resumindo noções já expostas, mas acrescentando novas informações.

- 
- (Era usado) *O uso do hashtag permite que o conteúdo do seu post seja acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes.*
 - (Conteúdo acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes) *A aproximação de interesses de conteúdos postados revelam que os hashtags se tornam hoje uma ferramenta poderosa de (interesses semelhantes) envolvimento do público-alvo e consequente aumento de reconhecimento de sua marca.*
- 

4) Tema da frase anterior não retoma nada da frase inicial: nem sempre é possível encadear todas as ideias. Às vezes é preciso iniciar um parágrafo ou mesmo capítulos com tema novo. Nesse caso, deve-se cuidar para, mesmo que implicitamente, manter a lógica da argumentação ou explanação.

- *Professores têm descoberto, aceito e utilizado as redes sociais como ferramenta pedagógica.*
- *As mídias sociais muito lentamente estão sendo inclusas no currículo escolar.*

Veja, a seguir, o texto construído com as técnicas acima após o encadeamento das frases.

Antigamente, o símbolo # (também chamado por nós de “jogo-da-velha”) era usado apenas em algumas situações especiais, como nas artes gráficas”⁶. O hashtag passou então a incorporar a linguagem das redes sociais. E então “veio o Twitter e transformou este símbolo mundano em uma sensação online”. O uso do hashtag permite que o conteúdo do seu post seja acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes. A aproximação de interesses de conteúdos postados revelam que os hashtags se tornam hoje uma ferramenta poderosa de envolvimento do público-alvo e consequente aumento de reconhecimento de sua marca. Professores têm descoberto, aceito e utilizado as redes sociais como ferramenta pedagógica. As mídias sociais, muito lentamente, estão sendo incluídas no currículo escolar.

Texto adaptado para essa atividade⁶.

2.2 ELEMENTOS ESTRUTURANTES DE NEXOS NAS FRASES

Meyer (2008), em *A arte de argumentar*, além de trazer as contribuições acima, disponibiliza alguns elementos estruturantes de nexos nas frases que contribuem para uma melhor organização do discurso. Salientamos, porém, que tais elementos devem ser tomados por seu valor argumentativo e persuasivo dentro do contexto discursivo e não meramente estrutural.

Vejam alguns deles, didaticamente organizados por Meyer (2008):

a) Expressão da adição / justaposição

Em determinado contexto discursivo, as formas que expressam adição/justificação podem ser utilizadas para acrescentar um argumento de peso, não esperado pelo leitor/ouvinte.

Desempenham esse papel na frase:

⁶ O texto original pode ser encontrado na página de internet <http://pt.wix.com/blog/2013/11/o-que-sao-hashtags/>.

- advérbios e locuções adverbiais: *além disso, antes de tudo, acima de tudo, do mesmo modo, primeiramente, em primeiro lugar, além do mais, ademais, aliás, também* etc.;
- conjunções: *assim como, e sem contar que, nem*;
- preposições: *além de, ademais*;
- verbos: *acresce que*.

Exemplo:

A falta de água decorre, dentre outros fatores, da mudança no ciclo das chuvas. Além disso, o manejo inadequado dos recursos hídricos contribui a médio e longo prazo para a escassez de água potável no planeta.

b) Expressão de causa-explicação

O recurso à causa/explicação de um fenômeno garante peso argumentativo, pois demonstra capacidade de reflexão e o conhecimento aprofundado do enunciador sobre o assunto acerca do qual se posiciona.

- advérbios: *de fato, com efeito, realmente*;
- conjunções: *porque, uma vez que, pois, visto que, porquanto, por isso, como, mesmo porque*;
- preposições e locuções prepositivas: *por causa de, em razão de, devido a, em virtude de, em consequência de, sob o efeito de, por força de graças a, por falta de*;
- verbos: *resultar de, ser devido a, depender de, decorrer de, provir de, proceder de, redundar em*;
- sinônimos aproximados de causa: *explicação, motivo, razão, origem, fonte*.

Exemplo:

a) *Devido* ao manejo inadequado dos recursos hídricos, que têm sido explorados com velocidade maior do que o que o próprio ciclo da chuva pode repor, muitos lugares sofrem hoje com a falta de água potável.

b) Hoje a falta de água potável em muitas comunidades *resulta* do manejo inadequado dos recursos hídricos, que têm sido explorados com velocidade maior do que o que o próprio ciclo da chuva pode repor.

c) Expressão de consequência-conclusão

Semelhante às formas expressivas de causa-explicação, funcionam as formas de expressão de consequência-conclusão, pois demonstram a capacidade reflexiva e crítica do enunciador para sustentar seu ponto de vista sobre um dado tema.

Desempenham esse papel na frase:

- advérbios e locuções adverbiais: *por conseguinte, conseqüentemente, por isso, assim;*
- conjunções: *de (tal) modo que, de (tal) maneira que, de sorte que, a ponto de, tão que, por isso, portanto, por conseguinte, assim;*
- locução prepositiva: *a ponto de;*
- verbos: *implicar, ensejar, provocar, causar, produzir, suscitar, redundar, incitar a, levar a;*
- sinônimos aproximados de consequência: *efeito, impacto, incidência, repercussão, resultado, sequelas.*

Exemplo:

Preservar e conservar os recursos hídricos ainda existentes *implica* na tomada de um conjunto de medidas que envolvam o setor agrícola, industrial e domiciliar.

d) Expressão de finalidade

As formas de expressão de finalidade demonstram a organização coerente de ideias, uma vez que apontam para o objetivo da argumentação, possibilitando ao leitor/ouvinte a compreensão da reflexão em pauta.

Desempenham esse papel na frase:

- conjunções: *para (que), a fim de (que);*
- locuções prepositivas: *em vista de, no intuito de, com a intenção de;*
- verbos: *visar a, tender a, objetivar ;*
- sinônimos aproximados de finalidade: *fim, intenção, intuito, objetivo, projeto, desígnio.*

Exemplo:

No intuito de preservar e conservar o patrimônio hídrico brasileiro, várias medidas devem ser tomadas, desde a economia no uso doméstico a investimentos em tratamento de esgoto e em saneamento básico.

e) Expressão de oposição-concessão

As noções de oposição-concessão estão presentes em qualquer argumentação, por isso, é preciso que o enunciador leve em conta os pontos de vista opostos, para melhor poder se posicionar, mesmo que tenha que integrá-los parcialmente a suas concepções.

Desempenham esse papel na frase:

- conjunções adversativas: *mas, porém, todavia, contudo, entretanto, não obstante, no entanto;*
- conjunções subordinativas: *embora, ainda que, se bem que, mesmo que, a menos que;*
- advérbios/locuções adverbiais: *em compensação, em contrapartida, inversamente, ao contrário;*
- locuções prepositivas: *apesar de, a despeito de, em vez de, ao invés de;*
- verbos: *não impedir que, opor-se a, contradizer;*
- sinônimos aproximados de oposição: *antagonismo, antinomia, conflito, contradição, contraste, desacordo, diferença, discordância, incompatibilidade.*

Exemplo:

- a) *Embora* o impacto seja pouco significativo, as pessoas continuam economizando água nas suas atividades diárias (concessão).
- b) As pessoas continuam economizando água nas suas atividades diárias, *mas* o impacto é pouco significativo (oposição).

f) Expressão de hipótese-condição.

As formas expressivas de hipótese-condição têm a função de adentrar o campo virtual do provável, do possível, do plausível, conduzindo o interlocutor da enunciação a considerar uma possibilidade decorrente de determinada ideia ou situação.

Desempenham esse papel as formas:

- advérbios e locuções adverbiais: *acaso, por acaso, porventura;*
- conjunções e verbos: *se* (seguido de indicativo ou subjuntivo), *caso, desde que, contanto que, supondo-se que, admitindo-se que* (seguidos de subjuntivo);
- preposições e locuções prepositivas: *em caso de, com a condição de, sem.*

Exemplo:

Se houver uma ação coletiva e sustentável com urgência, teremos água potável por mais tempo.

2.3 ARGUMENTOS PELO RACIOCÍNIO E PELO EXEMPLO

Tomando as unidades menores como o parágrafo e a frase, Meyer (2008, p. 141) afirma que, para convencer, é preciso levar o interlocutor a refletir e, para isso, o orador

precisa “dominar dois atos intelectuais: *apresentar a ideia e justificá-la* [**grifos nossos**]”. O parágrafo deve conter, portanto, apresentação e justificação. Neste último caso, o autor considera que a justificação pode ocorrer por meio de um **raciocínio** lógico e pela apresentação de **exemplos**

2.3.1 Meios de Raciocínio

Apresentamos, abaixo, os meios de raciocínio aos quais o professor pode recorrer para elaborar atividades com seus alunos, no intuito de aprimorar a capacidade argumentativa e de organização do discurso. Esses raciocínios podem ser construídos e concretizados textualmente através dos elementos estruturantes de nexos tratados no item 2.2.

a) a **dedução**, que consiste na extração de uma ideia particular a partir de uma ideia mais geral, como similarmente ocorre com o silogismo aristotélico, dando destaque a uma relação de consequência: A está para B, B está para C, logo A está para C. Essa relação, em retórica, é denominada de silogismo (entimema).

b) a **indução**, que corresponde à realização de uma síntese, percorrendo um caminho inverso ao raciocínio dedutivo, pois parte de uma regra geral para se chegar a uma particular, o que geralmente incorre em erros, já que não considera variáveis envolvidas no processo;

c) a **busca de causas**, que incide em analisar a natureza e as causas de um problema;

d) a **finalidade**, que equivale à noção de que, na organização coerente de ideias, aponta-se para o objetivo da argumentação, possibilitando ao leitor/ouvinte a compreensão da reflexão em pauta;

e) a **oposição, contradição**, que configura noções que permeiam qualquer conceito, qualquer argumentação, já que se situa no âmbito do plausível, do possível, do provável. Desse modo, ao manifestar uma posição sobre um tema, o enunciador deve considerar as teses opostas e, pelo menos, de forma parcial, procurar integrá-las à sua própria compreensão acerca do assunto (MEYER, 2008).

f) a **hipótese**, que consiste em adentrar o campo virtual conduzindo o outro a considerar uma possibilidade decorrente de determinada ideia ou situação;

g) o **raciocínio por eliminação**, que significa, conforme Meyer (2008), uma técnica um tanto manipulatória, uma vez que se eliminam determinados raciocínios (sendo que há possibilidade de existirem muitos outros), assim como numa investigação de polícia se faz com as pistas; e

h) a **alternativa**, que se resume em expor dois elementos de reflexão para escolha, como duas causas, duas soluções, dois objetivos, de modo que se aparente um raciocínio sólido e firme.

2.3.2 O exemplo e seu valor argumentativo na construção discursiva

A justificação de uma ideia também implica a apresentação de exemplos, cujas vantagens de uso para desenvolvimento dos argumentos destacamos a seguir:

- mostra-se econômico, uma vez que é selecionado dentre um conjunto possível de exemplos;
- torna-se eloquente, de fácil compreensão, em virtude de seu caráter concreto e figurativo;
- veicula facilmente conteúdos passionais, emocionais e afetivos por representar um lado real e vivenciado, o que aproxima o interlocutor, já que estimula a memória e traz à tona lembranças ou situações concretas e conhecidas.

A vivacidade, a concretude e o poder de prova do exemplo tornam-no um recurso argumentativo bastante oportuno e recorrente, mas deve ser utilizado levando-se em conta o universo referencial e cultural do interlocutor (leitor/ouvinte). Um exemplo pode não provocar efeito nenhum se o auditório o desconhece, ou apresentar grande fragilidade e se tornar um recurso facilmente contestável.

2.3.3 Outros elementos e técnicas envolvidos na enunciação de uma tese

a) Posição do enunciador

Algumas questões devem ser levadas em consideração ao se debruçar na leitura ou na produção de um texto, de modo que fique clara a posição do enunciador, tanto para quem profere o discurso quanto para quem o ouve/ler. Por isso, é preciso questionar, a respeito do enunciador, se:

- ele se reconhece no texto que escreve, ou seja, reconhece como ele está posicionado;
- identifica e usa elementos linguísticos que demonstrem sua presença e sua posição quanto ao que está em discussão;

- domina a enunciação, reconhecendo não só o leitor implicado no texto, mas também o redator.

Reconhecer a posição do enunciador no texto apresenta algumas vantagens: evita deixar dúvida sobre a tese que o próprio enunciador defende; colabora para que sejam selecionados argumentos consistentes e escolhidos recursos linguísticos textuais e discursivos, tornando seu texto persuasivo; e favorece o discurso, no sentido de que pode trabalhar o jogo de representações (*a imagem que o orador tem de si; a imagem que o orador imagina que o auditório tem dele; e a imagem que o orador tem de seu auditório*) típicas do discurso dialógico em favor do seu ponto de vista.

b) Estratégias de valorização das ideias

A valorização das ideias pode ser feita por meio de três recursos, para os quais são indicadas algumas formas:

- **demarcação** – para ressaltar uma ideia, o orador pode recorrer a algumas formas linguísticas, a saber: advérbios e locuções adverbiais (*sobretudo, principalmente, etc.*), locuções verbais (*é importante, essencial, ... notar que...*), ou substantivo ou adjetivo substantivado (*o importante, o essencial, etc.*);

- **resumo** – objetiva-se sintetizar uma noção desenvolvida (*em suma, em resumo*).

- **reformulação** – implica reformular com suas próprias palavras as ideias desenvolvidas e reitera o que já foi dito, expresso. Para isso, podem-se usar expressões como *em outros termos, em outras palavras, isto é, ou seja*. Esse recurso chama a atenção do leitor/ouvinte para a ideia ou tese explanada.

Tanto a reformulação quanto o resumo podem ser atividades desenvolvidas não somente na produção de texto, mas também na leitura, o que favorece as habilidades de sintetizar, reformular, relacionar.

c) A refutação no desenvolvimento dos argumentos

A **refutação** de uma idéia / tese consiste em trazer um argumento contrário para a construção de uma linha argumentativa. Esse recurso demonstra a capacidade de aprofundamento de reflexão do orador sobre dada noção. Além disso, neutraliza possíveis manifestações de objeção, por parte do leitor ou do ouvinte, a respeito da tese defendida pelo orador.

Para **rejeitar** uma tese / argumento é necessário que o orador esteja certo do que afirma ou, sem tal requisito, seu raciocínio será desqualificado. Alguns operadores funcionam

para introduzir esse posicionamento: *não é verdade que, não se pode aceitar que, não é razoável pensar que, etc.*

Fazer **concessão** não demonstra fraqueza argumentativa, mas uma preocupação com a objetividade, pois considera que nada deve ser totalmente rejeitado na seara da argumentação, bem como induz o interlocutor (leitor/ouvinte) a assumir a mesma atitude. A concessão, segundo Meyer (2008, p.165), é marcada textualmente por “advérbios ou locuções adverbiais (*de fato, que seja*) e por locuções verbais que introduzem fatos irrefutáveis (*deve-se admitir, é inegável, não se pode negar que, é verdade que...*) ou fatos simplesmente aceitáveis (*é possível que, cabe reconhecer que, pode ser que...*).

Para favorecer a familiarização do professor com termos e conceitos da Retórica apresentamos, no tópico seguinte, a leitura retórica de uma postagem autoral do Facebook, tomando por base as contribuições de Ferreira (2010) - imbuído dos estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) - pelo fato de esse autor transportar, para uma linguagem inteligível, a complexidade dos conhecimentos de Retórica. Optamos por apresentar os conceitos retóricos – *sistema retórico, lugares retóricos, figuras de retórica e argumentação* – concomitante ao exemplo de análise retórica, seguindo os passos dados por Ferreira (2010). Essa escolha visa sintetizar os conceitos, sem prescindir de sua essência.

3 FAMILIARIZANDO-SE COM A RETÓRICA: LEITURA E ANÁLISE DE POSTAGEM AUTORAL DO FACEBOOK

A partir da postagem autoral abaixo, realizamos uma análise retórica, através da qual expomos conceitos e noções (sistema retórico, figuras de retórica e de argumentação, lugares retóricos) aplicáveis em um trabalho com a argumentação no ensino fundamental. O intuito desta análise é mostrar a aplicabilidade desses conceitos em publicações do Facebook. Afirmamos, entretanto, que análises retóricas podem e devem ser aplicadas em outros gêneros discursivos com os quais os estudantes tenham contato ou possam vir a ter. Acreditamos que, assim, despontamos um outro olhar para o ensino e aprendizagem de textos da ordem do argumentar. Para manter resguardada a identidade do autor do texto, utilizaremos a designação Usuário 1.

Postagem autoral 1

Extremamente (sic) indignada com o serviço de coleta de sangue da Clínica X (Ita/SE). Não sei se posso chamá-las de profisisonais, pois ao levar meu pequeno hoje para fazer o exame, tentaram encontrar a veia no bracinho dele e não encontraram, mas permaneceram com a agulha dentro do mesmo movendo-a até que identificaram-na no lado extremo. Meu pequeno saiu de lá com o braço todo roxo. Ao final, reclamei do fato ocorrido, pois foi um procedimento muito invasivo e doloroso devido à falta de profissionalismo ou experiência. Mas, ao reclamar, elas revidaram, o que me deixou ainda mais indignada. Só porque estão vestidas em um jaleco branco acham que podem fazer qualquer coisa com o paciente? Parece até que somos objetos ou ratos de laboratórios servindo de experiência para pessoas mal treinadas, tanto no método quanto nas relações interpessoais. Onde está a humanização???? Esses profissionais precisam enxergar seus pacientes como seres biopsicosossiais que tem necessidades diferentes e que encontram-se em um local estranho, sendo cuidado por pessoas estranhas, tendo seu corpo invadido por objetos também estranhos, principalmente crianças que são tão sensíveis e não entendem por qual razão estão ali. É preciso muito mais cuidado com as pessoas, pelo menos do ponto de vista técnico, ou que essa ação do cuidar seja, no mínimo, moralmente ética, envolvendo respeito e consideração.

Curtir: 145

Comentar: 4

Compartilhar: 0

(Usuário 1)

3.1 FIGURAS RETÓRICAS E DE ARGUMENTAÇÃO

Dada a sua importância na elaboração de um discurso persuasivo, consideramos imprescindível apresentar uma estratégia retórica fundamental: o recurso às figuras de retórica

e de argumentação. Em seguida, apresentamos a análise da postagem autoral 1, selecionada de perfis de nossa rede de amigos virtuais, cujo critério pautou-se no tratamento de um tema que suscitasse pontos de vista controversos.

Para que determinado uso discursivo da língua funcione como uma figura, é preciso que provoque estranhamento, surpresa, paixões no auditório, uma vez que tal uso não é esperado naquele determinado contexto, naquele determinado gênero, naquela determinada exposição ou construção discursiva do orador. Por exemplo, o uso de *emoticons*, palavras reduzidas, *hashtags* em publicações do Facebook são escolhas esperadas no gênero postagem, por isso não funcionam como figuras de escolha. Podem provocar, entretanto, efeito de sentido de comunhão, já que o universo virtual faz parte das referências dos usuários dessa rede social. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) apontam três figuras de retórica e de argumentação com as quais trabalhamos com estudantes do 9º ano do ensino fundamental e as quais apresentamos para o professor da educação básica, a fim de dar-lhe conhecimento de mais um recurso, cujo uso torna o discurso mais persuasivo.

- **Figuras de escolha (ou de caracterização)** – têm como efeito impor ou sugerir uma caracterização, com vistas a levar o leitor/ouvinte a uma conclusão a respeito do dado caracterizado. Com valor de argumento, tal figura imprime ao texto características não esperadas, que podem ser alcançadas pela escolha vocabular, sintática, de registro, de gênero, de tipo textual. Mas é o contexto em que é essas escolhas são utilizadas que vai caracterizá-las como figura de escolha. Através dessas figuras, o orador procura interpretar um fato, encontrando maneiras de qualificá-lo, caracterizá-lo, de acordo com seu interesse argumentativo.

- **Figuras de presença** – produzem o efeito de aumentar a presença do tema e da posição do orador a respeito do assunto tanto na mente de quem fala ou escreve quanto de quem ouve ou ler. O recurso básico da figura de presença é a *repetição*, que pode se revelar também pelo uso da anáfora, polissíndeto, paralelismo, entre outros. Assim, as figuras de presença podem ter, em um texto, a função de não deixar o leitor/ouvinte se esquecer de que trata o discurso ou de qual é o ponto de vista do orador. Reafirmamos que, como toda figura de argumentação e retórica, tais estratégias só serão consideradas figuras quando causarem a sensação de inesperado. A repetição na fala dirigida à criança, por exemplo, é totalmente normal e, muitas vezes, necessária, o que não causará espanto.

- **Figuras de comunhão** – têm como efeito realizar a comunhão com o auditório. Podem funcionar como figura de comunhão, desde que causem a sensação de inesperado. Nesse caso, podem funcionar como figura de comunhão a *alusão*, a *citação* a *apóstrofe*

(convertida em um pedido de atenção por parte de quem fala), a *enálage* (troca de um tempo ou pessoa por outra, com vistas a aproximação do interlocutor da mensagem) e a *pressuposição*.

3.2 PASSOS PARA UMA LEITURA E ANÁLISE RETÓRICA

O sistema retórico é composto basicamente de quatro elementos: **invenção** (relaciona-se à busca dos argumentos), **disposição** (refere-se à organização do discurso e desenvolve-se em quatro partes: *exórdio*, *narração*, *confirmação*, *peroração/epílogo*), **elocução** (constitui-se na etapa de redação do discurso) e **ação** (verbaliza-se o discurso e são acionados componentes que, na escrita, se concretizam pela disposição do texto, tamanho e cor da fonte, recurso a gráficos e imagens, etc.).

Para bem analisar (ou organizar) um discurso, é preciso encontrar o problema retórico, antes mesmo de iniciar a análise. É o que Ferreira (2010) chama de **contexto retórico**, para o qual se deve direcionar um **olhar inicial**, buscando aquilo que há de persuasivo. Nessa busca **questiona-se o orador** (*quem fala, a quem fala, o que fala, por que fala, como fala, contra o que fala*) e **o texto** (*de que trata, o que afirma, como afirma, contra quem afirma*). Além disso, a **questão retórica ou problema retórico** também deve ser investigado e identificado, bem como o **tema** do texto. Nesse último caso, pode-se recorrer às perguntas: *qual é de fato o interesse do orador e o que ele pretende modificar?*

É importante destacar a importância do auditório e da finalidade do discurso para recorrer a estratégias e técnicas de argumentação e persuasão mais eficientes. É, também, nesse olhar para o auditório e para a finalidade do discurso que o orador parte para a tarefa de encontrar os argumentos a fim de persuadir o seu auditório. Na perspectiva da retórica aristotélica, os argumentos são de três tipos:

- o *ethos*, termo que muitos estudiosos substituem por *imagem de si e do outro*, refere-se ao caráter assumido pelo orador para inspirar confiança no auditório; e o *pathos* refere-se ao conjunto de paixões, emoções e sentimentos do auditório, ambos de ordem afetiva,;
- e o *logos*, lado racional do discurso, diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso.

É partindo dessas considerações e da consciência desses elementos que o orador inicia seu projeto retórico.

Assim, organizamos a análise em dois passos: no primeiro passo debruçamos sobre o texto um olhar inicial para o contexto retórico; e, no segundo, adentramos as partes do sistema retórico.

1º PASSO - O olhar inicial: investigando o contexto retórico - o orador, o texto e problema retórico

1) O **orador** é uma mãe (*quem fala?*) que fala negativamente e com extrema indignação a seus amigos da rede social (*para quem fala?*) sobre o atendimento de coleta de sangue de uma clínica x feita em seu filho (*o que fala?*), provavelmente, muito pequeno, como se constata pelo uso do diminutivo “bracinho”. Optou por falar sobre o assunto porque (*por quê?*) observou não só enquanto cidadã, mas principalmente por ser mãe, o despreparo das técnicas de enfermagem (*contra o quê?*) - *Não sei se posso chamá-las de profissionais* - ao realizar o procedimento. Encontrou nas redes sociais um meio de externar sua indignação perante o descuido e descaso no atendimento da referida clínica, utilizando-se de uma linguagem carregada de emoção (*como fala?*), através da exposição da contradição entre a criança que precisa de proteção e as técnicas de enfermagem que deviam ser preparadas para exercer bem sua profissão protegendo o direito dessa criança, mas agem como algozes de uma criança indefesa (*Meu pequeno*).

2) O **texto** trata portanto do atendimento laboratorial desqualificado (*de que trata?*), afirmando que os profissionais de saúde são pessoas mal treinadas no método e nas relações interpessoais (*o que afirma e contra quem?*).

O **problema retórico** gira em torno da insatisfação e de um tom altamente crítico da U1 em relação ao procedimento de coleta de sangue da clínica: *os profissionais da Clínica X não têm preparo algum nem no método nem nas relações interpessoais para o atendimento laboratorial*.

3) O **tema** recorrente nessa postagem autoral pode ser encontrado a partir de dois questionamentos: a) Qual é de fato o interesse do orador? b) O que ele pretende modificar? Logo, depreende-se da leitura do texto que a U1 tem por objetivo mostrar sua indignação e ao mesmo tempo fazer uma denúncia pública dos maus serviços prestados pela clínica. O *descaso* nos serviços de saúde e o *despreparo* dos profissionais da área que atuam na referida clínica tematizam o texto. A rede social, embora não seja o melhor meio de fazer reivindicações ou denúncias foi utilizada para externar uma crítica à falta de humanização

(*Onde está a humanização?*) dos profissionais de saúde, bem como a pouca evidência de ética profissional e de garantia do direito e da dignidade humana dos pacientes.

4) Construção discursiva do problema retórico - para investigar como o orador constrói seu discurso acerca do problema retórico com vistas a alcançar afetivamente seu auditório, basta buscar no texto:

- **Elementos que afirmam a evidência do problema**

(...) *tentaram encontrar a veia no bracinho dele; não encontraram, mas permaneceram com a agulha dentro; meu pequeno saiu com o braço todo roxo; procedimento muito invasivo e doloroso.*

- **Elementos que buscam sustentar o ponto de vista do orador em relação ao problema**

Meu pequeno saiu de lá com o braço roxo; (...) foi um procedimento invasivo e doloroso(...) Onde está a humanização????

- **Elementos que buscam justificar as ligações estabelecidas no seio do discurso e que encaminham para a solução do problema**

A U1 aponta um elemento que acredita ser a causa do problema vivenciado: *falta de profissionalismo ou experiência*. E ainda, associa um elemento simbólico dentro da área de saúde a um poder arbitrário: o uso do jaleco que representa profissionais de saúde dotados da autoridade irrefutável da ciência em oposição à submissão do senso comum (*Só porque estão vestidas em um jaleco branco acham que podem fazer qualquer coisa com o paciente?*)

2º PASSO - Investigando o Sistema Retórico

1) Invenção

A invenção é o momento em que o orador busca os argumentos. Para isso, é preciso que tenha acesso a informações e posições diversas sobre determinado tema. Para a análise retórica, o leitor poderá identificar os seguintes elementos:

- a) os acordos que o orador estabelece para se identificar com o auditório;
- b) as marcas que ele deixa transparecer no texto que demonstrem o estabelecimento de tais acordos;
- c) as marcas que possibilitam inferir se o orador é parcial ou imparcial;
- d) a natureza e o número de motivos tematizados;

e) os recursos utilizados para sustentar sua tese (raciocínio ou exemplo).

Na invenção, o orador deve demonstrar conhecer bem o assunto para conseguir a confiança do seu auditório. É nessa etapa do sistema retórico que são reunidos todos os argumentos e em que o orador busca elementos que estabeleçam um acordo com o auditório. A U1 seleciona o fato, faz escolhas lexicais (*meu pequeno, bracinho, onde está a humanização, procedimento muito invasivo e doloroso*) para descrever e relatar o problema, recorre a uma pergunta retórica – *Onde está a humanização????* – configurando um caso de pressuposição, pois a pergunta ao ser enunciada já leva o auditório à resposta pretendida pelo orador (Não há humanização!), tudo isso visando a sensibilizar o auditório, movê-lo pela paixão, pelo sentimento, pela emoção. A força argumentativa do seu discurso está naquilo que move o *pathos*.

Além disso, a U1 recorre a um meio de raciocínio conhecido por silogismo para demonstrar a atitude arbitrária dos profissionais da clínica no atendimento a seu filho. Tomamos a estruturação da dedução por silogismo de Charaudeau (2014, p. 214) que o organiza em três tempos e em três asserções. Para isso, apresenta a seguinte estrutura: **se..., e se..., então...**, a qual recuperamos aqui, por entender que, didaticamente, essa forma de estruturar a dedução por silogismo torna-se muito mais inteligível para estudantes da faixa etária do 9º ano.

(**Se**) o jaleco simboliza o poder da ciência

(e **se**) as profissionais de saúde da clínica usam jaleco;

(**então**) agem como se tivesse o poder que o jaleco representa.

2) Disposição

Além de se preparar para o discurso retórico (invenção), na disposição, a U1 foca no auditório, com o qual mantém comunhão, identificação, suscitando-lhe paixões e sentimentos. Organiza o discurso, distribuindo os argumentos de maneira racional, propondo uma solução por meio do aconselhamento. Algumas características do auditório são consideradas pelo orador, especialmente as de ordem socioculturais. Fatos como o relatado, sensações como a experienciada pela U1 são uma constante nos serviços de saúde, independente de serem públicos ou não, o que permite estabelecer acordos com o auditório, que certamente já vivenciou ou testemunhou situações semelhantes.

A disposição é organizada em quatro partes:

a) **Exórdio**: momento da introdução do discurso e em que há identificação com o auditório.

A U1 recorre a um exórdio que não ultrapassa uma linha escrita (*Extremamente* (sic) *indignada com o serviço de coleta de sangue da Clínica X...*), construído para obter a adesão dos usuários da rede, chamando sua atenção para o problema a ser abordado, tornando-os complacentes com sua indignação, provavelmente compartilhada por muitos. A frase expressa pela U1 configura uma assertiva retórica que encaminha seu auditório para a constatação dos fatos e para a proposição de solução. O exórdio movimenta o *ethos* e *pathos*, pois mexe com a relação entre orador e auditório.

b) **Narração**: em que ocorre a exposição dos fatos e são colocadas as provas.

A U1 prossegue com a narração dos fatos que causaram sua indignação (*Ao levar meu pequeno hoje para fazer o exame, tentaram encontrar a veia no bracinho dele e não encontraram, mas [...] servindo de experiência para pessoas mal treinadas, tanto no método quanto nas relações interpessoais. Onde está a humanização????*). Nessa etapa, o orador aponta o ponto de vista que vai defender, apresenta provas expondo os fatos, assinalando causas, expressando sua crítica (crítica ao descaso e despreparo dos profissionais de saúde); o *logos* é evidenciado na narração.

c) **Confirmação**: em que se concentram as provas e se defendem ou refutam pontos de vista e é o ponto forte de sedimentação do *logos*. É nesse momento que ocorre a ordenação dos argumentos fortes e fracos. A U1 recorre a um argumento forte que visa tirar da zona de conforto os usuários da rede ao expressar indignidade quanto ao serviços laboratoriais prestados pela clínica, ampliado de forma generalizada para os profissionais. Em seguida, faz o relato do fato vivenciado, elabora uma crítica ferrenha ao despreparo profissional e, por fim, aponta o que considera necessário acontecer para melhorar o atendimento e a relação dos profissionais com o paciente. Para fixar sua posição na mente do leitor/usuário da rede, recorre às **figuras retóricas**, que nesse contexto adquirem valor argumentativo.

A U1 visa manter presente na mente do auditório (**figura de presença**) seu ponto de vista pelo **recurso à repetição** de palavras que retomam o sentimento de indignidade perante o despreparo profissional da clínica, denominada figura de presença: *permaneceram com a agulha dentro, o braço todo roxo, procedimento invasivo e doloroso, falta de profissionalismo ou experiência, pessoas mal treinadas*; recorre ainda à forma enfática com que utiliza o verbo precisar – *precisam enxergar, é preciso*.

A **figura de comunhão** ocorre com a mudança de uso da primeira pessoa do singular (*meu pequeno, reclamei*) para a primeira do plural (*Parece até que somos objetos ou ratos de*

laboratórios...). Esse recurso contribui para situar orador e auditório no mesmo lugar, na mesma situação de descuido e descaso com a pessoa humana.

A *pressuposição*, como recurso retórico, consiste em apresentar com já sendo conhecido do público ou sendo saber partilhado entre aquele que fala e o que ouve. Por exemplo, na afirmação: *Se os pais participassem das atividades escolares e acompanhassem o desempenho do filho na escola, a escola não teria graves problemas de repetência*, o orador coloca como verdade conhecida de todos, ou seja, pressupõe que os pais não participam das atividades escolares e nem acompanham o desempenho do filho na escola. A U1 recorreu à pressuposição ao afirmar *Esses profissionais precisam enxergar seus pacientes como seres biopsicossociais...* e ao questionar *Onde está a humanização???*. No primeiro caso, o pressuposto é que os profissionais daquela clínica não enxergam seus pacientes como seres biopsicossociais, e no segundo, é que, no atendimento da clínica, não há humanização, pois os pacientes são tratados como se não fossem gente.

d) **Peroração (ou epílogo)**: ou final do discurso, que pode ocorrer por meio da recapitulação, do apelo ao ético ou ao patético e da amplificação da ideia defendida, por meio das figuras, momento em que afetividade e argumentação se unem e conclamam à ação. Na postagem autoral, a peroração ocorre por meio da paixão, uma vez que visa despertar sentimentos de piedade ou indignação no auditório. Esse despertar é feito pelo recurso à repetição do adjetivo “estranho” (*encontram-se em um local **estranho**; sendo cuidado por pessoas **estranhas**; tendo seu corpo invadido por objetos também **estranhos***) em um contexto em que se insere uma criança.

Esse recurso, além de enfático e de conduzir a um ritmo que chama a atenção, também se configura uma **figura de escolha ou de caracterização**, pois a U1 seleciona do léxico o adjetivo *estranho*, bem como sua posição morfosintática e em uma **figura de presença**, já que tem como objetivo figurar presença na mente do leitor. Nesse caso, o orador une a afetividade com a argumentação, constituindo a alma da retórica, visando levar o auditório a crer naquilo que expõe e argumenta.

3) Elocução

É a parte em que o orador redige seu discurso, e envolve tanto uma questão de estilo, quanto o plano da expressão e a relação forma e conteúdo. São fundamentais nessa etapa uma exposição que contenha **correção, clareza, adequação, concisão, elegância, vivacidade** e que recorra a um bom uso das figuras com valor de argumento, como já identificamos na disposição.

Pelo menos dois recursos presentes no texto adentram o campo das **figuras de presença** e imprime estilo e elegância na forma de expor o problema: a **repetição**, já explorada anteriormente; e a **interrogação** (*Só porque estão vestidas em um jaleco branco acham que podem fazer qualquer coisa com o paciente? Onde está a humanização????*) que configura uma pergunta retórica e contrapõe relações de poder – cientificidade X senso comum – em que aquele que detém (supostamente) o conhecimento científico está imbuído (naturalmente e com superioridade) do poder de invadir agressivamente ou não o corpo de outrem. A **sequência rítmica** expressa no período em que há a repetição do adjetivo *estranho* também projeta a vivacidade do discurso.

Para efeito de comunhão com o auditório, sua rede de amigos virtuais, sutilmente, a U1 alude a eventos semelhantes ao vivenciado (*alusão*), os quais ocorrem constantemente nos serviços de saúde do país, como se constata não só empiricamente nas instituições de serviços de saúde como também em matérias jornalísticas da mídia impressa e audiovisual. Consideramos, enfim, que ocorre alusão, no sentido de criar ou confirmar a comunhão com o auditório por força de referências que ambos (orador e auditório) possuem sobre a situação da saúde no país.

4) Ação

A ação ocorre com a verbalização do discurso e envolve componentes emotivos como a gestualidade e a interação com o espaço, no discurso oral; já na escrita outros componentes são acionados, como a disposição do texto, o tamanho e a cor da fonte, destaque gráfico de ideias, presença de outras linguagens (imagens, desenhos, vídeos), recurso a *hiperlinks*, no caso de textos de *internet*.

A U1, produziu um texto persuasivo, elencou argumentos favoráveis a seu ponto de vista, demonstrou capacidade de ordenação do discurso, recorrendo a figuras retóricas e explorando as paixões que movem o auditório e a natureza estética da linguagem. E foi através dessa movimentação discursiva que a U1 aumentou seu poder de persuasão e afetou o leitor/usuário da rede, levando-o a identificar-se com o orador.

Resumindo

A postagem autoral do Facebook é também um texto que:

- apresenta uma questão ou problema retórico;
- se presta à análise do sistema retórico: invenção, disposição, elocução e ação;

□ recorre às figuras como recurso retórico de valor argumentativo, visando a aumentar a adesão do auditório e despertar suas paixões, emoções e sentimentos do auditório: figuras de presença, figuras de comunhão, figuras de escolha ou caracterização;

Comprovamos, com essa análise, que é possível trazer os conceitos de retórica para os textos produzidos e publicados no Facebook, bem como constatamos que, embora possam parecer complexos, tais conceitos podem ser aplicados em atividades de leitura e escrita com alunos do ensino fundamental, tendo em vista tornar seus textos mais persuasivos.

Estamos cientes, enfim, de que esta é uma abordagem nova para o ensino da argumentação no ensino fundamental. Por isso, trouxemos conteúdos relacionados a estruturação do parágrafo e conceitos da Retórica ilustrados com a postagem autoral analisada no intuito favorecer o contato e familiarização com tais noções. Estamos cientes ainda de que este outro olhar para o texto argumentativo apenas aponta as possibilidades de exploração dos recursos e estratégias de retórica e de argumentação, sendo da alçada do professor selecioná-los, com vista a desenvolver um trabalho de leitura específico com seus alunos que lhes favoreça aprimorar seu olhar para os discursos aos quais tem acesso, assim como aprimorar seu próprio discurso.

PARTE 2 – SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1 A HORA E A VEZ DA LEITURA

As atividades de leitura devem acontecer para estimular o debate de temas de interesse dos alunos. Em nossa experiência, dois assuntos foram levados para discussão no grupo do Facebook: o problema da água e a redução da maioria penal.

Tema: O problema da água: de quem é a responsabilidade?

Sugerimos, então, que o professor introduza a reflexão sobre o problema da água com a leitura do texto “A carta do ano 2070”⁷ (Anexo B). Depois leve dois vídeos curtos que tratam a respeito do problema da água, trazendo maiores informações:

- “O problema da falta de água”⁸, vídeo de 6:42 minutos, com voz acompanhada de imagem e legenda em português;
- “Falta de água – Nerdologia”⁹, documentário, com imagem e animação acompanhadas de voz, com 6:12 minutos de duração. Esse documentário traz um breve histórico sobre a água, mostra de onde ela vem e o que fazemos com ela, bem como aponta proposta de solução para a questão. Além das informações contidas, o texto do vídeo traz uma estrutura semelhante à de um texto escrito (introdução do tema, desenvolvimento das ideias e conclusão), característica para a qual chamamos a atenção dos estudantes.

Durante a apresentação dos vídeos, é necessário estimular o registro de informações que chamarem a atenção dos estudantes e as que não conhecerem. O conteúdo dos documentários visa a preparar os alunos para a fase da invenção de seu discurso para um momento posterior em que deverão produzir textos sobre a temática. Para enriquecer um pouco mais a etapa da invenção e possibilitar ao aluno o contato com textos escritos, poderão

⁷ Fonte: <http://franciellepajola.blogspot.com.br/2013/04/carta-escrita-no-ano-2070.html>. Acesso em: 16/6/2015. Encontra-se disponível também o vídeo-texto na página do Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=jUp_VH-hjcdo.

⁸ Fonte: Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uo6dl4kbTK0>. Acesso em 08/05/2015.

⁹ Fonte: Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RsUD8CTDdAw>. Acesso em 08/05/2015.

ser usadas, também, informações extraídas da leitura do texto “A água no mundo e sua escassez no Brasil¹⁰” (Anexo B). Após a leitura, o professor deverá:

- fazer questionamentos que levem os alunos a identificar quem fala, o que fala, por que fala, contra o que fala, para quem fala e como fala;
- levar os alunos a buscarem o tema do texto, interrogando qual é o interesse específico do enunciador e o que pretende modificar;
- identificar os elementos que afirmam a evidência do problema, que buscam sustentar o ponto de vista do enunciador, que buscam justificar as ligações estabelecidas no seio do discurso e que levem à solução do problema;
- investigar se o enunciador deixa marcas no texto que visam estabelecer acordo com o público leitor; se recorreu a alguma escolha lexical, sintática, semântica com o intuito de manter presente na mente do leitor o tema ou manter a comunhão com o leitor;
- solicitar que os estudantes identifiquem formas expressivas que indiquem nexos, apresentados no tópico *Elementos estruturantes de nexos nas frases*, p. 17, e qual a força argumentativa desse recurso.

Tema: Redução da maioria penal

O mesmo procedimento poderá ser tomado em relação a este e outros temas. Introduzir os temas por meio de vídeos curtos para iniciar o debate, em tempos de valorização da imagem e da brevidade e efemeridade dos acontecimentos, promove o interesse e estimula a participação no debate. Assim, sugerimos os vídeos:

- “Pra que reduzir a maioria penal?¹¹, com duração de 6:14 minutos, que traz uma abordagem histórica do tratamento do jovem adolescente, e criticamente demonstra a inviabilidade da redução penal; e
- “Redução da maioria penal¹²”, com duração de 7:10 minutos, que apresenta uma exposição de um deputado federal em favor da redução da maioria penal.

Recomendamos aplicar os mesmos procedimentos de leitura apontados acima nos textos que o professor selecionar para tratar do assunto. Indicamos os textos:

- “Redução da maioria penal: quando eu tenho medo da maioria¹³” (Anexo B);

¹⁰ Fonte: Blog de Leonardo Boff. Disponível em <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/02/02/a-agua-no-mundo-e-sua-escassez-no-brasil/>. Acesso em 29/06/2015.

¹¹ Fonte: Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n9Xo4pS_hoc. Acesso em: 29/06/2015.

¹² Fonte: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PID7IhOgzqU>. Acesso em: 29/06/2015.

- “Refutando argumentos contrários”¹⁴ (Anexo B).

Ambos os textos trazem argumentos e pontos de vistas contrários sobre um mesmo tema, de modo que os alunos possam refletir e debater sobre o assunto com maior segurança.

Atividades de leitura como essas são imprescindíveis para preparar os alunos para o debate no grupo do Facebook e fora dele. Além disso, o exercício contínuo de leitura de textos, previamente selecionados e nos quais se apresentam diferentes pontos de vista, garante maior intimidade do estudante com os recursos da linguagem que poderão ser utilizados em prol da identificação e, conseqüentemente, da construção argumentativa e persuasiva de um discurso.

¹³ Fonte: Blog do Sakamoto. Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/04/15/reducao-da-maioridade-penal-quando-eu-tenho-medo-da-maioria/>. Acesso em: 29/06/2015.

¹⁴ Fonte: JusBrasil.com.br. Disponível em: <http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121931855/eu-e-93-da-populacao-somos-a-favor-da-reducao-da-maioridade-penal-diz-juiz-da-infancia-da-ba>. Acesso em: 29/06/2015.

2 A HORA E A VEZ DA ESCRITA

A produção de textos pressupõe o exercício de leitura. Não se escreve sobre o que não se conhece e a leitura é a porta para o conhecimento. Por isso, nossa proposta inclui essas duas atividades como interdependentes e necessárias à prática de ensino aprendizagem da língua portuguesa, numa tentativa de nivelá-las e de garantir ao estudante o contato com estratégias e técnicas discursivas que viabilizem o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades leitora e produtora de textos. Para elaborar os exercícios de produção de texto, utilizamos uma postagem autoral de um dos membros do grupo do Facebook em que aplicamos esta proposta.

Postagem autoral 2

Parei e pensei:

Um assunto muito importante que nem todos se preocupam e não se conscientizam.

Já pararam pra pensar o que seria de todos nós sem água? Sobreviveríamos?

Um assunto que pra muitos não tem importância, mas tenho medo mesmo de ficar sem água kkk e por isso resolvi publicar aqui no nosso grupo.

Vocês economizam água? Vocês tem medo de ficar sem água? #DizAi

Curtir 03 · Comentar: 07 Visualizado por 8

(FACEBOOK. Grupo Minha Voz, Minha Vez. Usuário 2. Acesso em 08/05/2015)

1) As atividades abaixo têm por objetivo a reelaboração do conteúdo da postagem autoral acima, tendo em vista que o texto final deverá ser publicado no jornal da escola, no grupo ou nos perfis dos próprios alunos no Facebook.

Levando em consideração quem será o leitor do texto e como seu aluno imagina que ele é, oriente-os a decidirem qual o tipo de linguagem e quais argumentos devem escolher. Em seguida, apresente os exercícios seguintes. Mas antes os alunos devem tomar conhecimento dos conteúdos do tópico “Encadeamento de frases”, p. 16.

Atenção!!!

*Professor, definir o público (auditório) para o qual o estudante deverá escrever garante a preocupação com a adequação da linguagem (escolha de registro, de figuras, de argumentos, etc.), enfim, valoriza a **Elocução**.*

✓ Na Postagem 2, o usuário da rede levantou uma questão bastante preocupante. A tarefa dos alunos é enriquecer o texto com informações novas a partir da primeira frase, indicada abaixo.

Frase 1: “Parei e pensei: um assunto muito importante que nem todos se preocupam e não se conscientizam.”

a) Qual é esse assunto muito importante? Ele está expresso nessa primeira frase? Se não está, reescreva a frase e acrescente essa informação.

b) Crie outras frases, a partir da primeira, que demonstrem a sua própria reflexão sobre o tema. Use, para isso, a retomada dos termos de frases anteriores, conforme as quatro formas apresentadas sobre encadeamento de frases.

DICAS A SEREM SUGERIDAS PARAS OS ALUNOS

1ª) Você pode iniciar a frase seguinte com um verbo ou substantivo que retome o sentido das palavras “pensei e parei”. Que palavras podem ser sinônimas de pensar (ou parar e pensar) nesse contexto?

2ª) A retomada pode ser também da palavra “preocupam” que você pode transformar em um substantivo (processo de nominalização) do mesmo modo que é possível transformar *permitem* em *permissão*; *educam* em *educação*, *desenvolvem* em *desenvolvimento*, etc.

Atenção! Para melhor falar sobre um assunto é importante que o orador o conheça bem. Por isso, oriente os alunos a retomarem os conteúdos abordados nos vídeos e textos indicados em **A hora e a vez da leitura**, p. 30. Esse é o exercício de **Invenção**, uma das partes do sistema retórico, pois os estudantes precisam ter onde buscar os argumentos.

2) Considere a frase abaixo, retirada do mesmo texto.

Frase 2: *Já pararam pra pensar o que seria de todos nós sem água? Sobreviveríamos?*

a) Dê continuidade à frase acima, de modo que você apresente respostas prováveis e até mesmo não pensadas pelas pessoas. Para apresentar suas ideias, recorra às informações extraídas das leituras e debates em sala de aula. Não esqueça de continuar exercitando o encadeamento de frases.

Atenção! *Mostre para os alunos que, quando o orador provoca o auditório (o público, o leitor) com interrogações, tem-se duas intenções: chamar e prender a atenção de seu auditório, levando-o à reflexão a respeito de um determinado tema e trazendo a resposta pressuposta nas perguntas; e expor seu próprio ponto de vista sobre o assunto. É o que chamamos de pergunta retórica.*

O orador (autor) da Postagem 1 faz uma pergunta para a qual já tem uma resposta pressupostamente compartilhada com seu auditório. Mas é preciso levar o auditório a conhecer sua resposta. Então, sugira que os alunos utilizem uma das quatro formas de encadeamento de frases estudadas e enriqueça o texto apresentando respostas convidativas e reflexivas às perguntas retóricas.

DICAS A SEREM SUGERIDAS PARA OS ALUNOS

1ª) Utilize argumentos, por meio de exemplos, de países ou povos que sofrem com a falta de água potável ou outra situação que ilustre como seria difícil sobreviver sem água; ou por meio do raciocínio de causa / consequência.

Para isso, professor, oriente os alunos a recorrerem aos textos lidos e assistidos, conforme indicado no item **A hora e a vez da leitura**.

Atenção!

*Professor, esses exercícios favorecem a construção discursiva, dispondo (**Disposição**, mais uma das partes do sistema retórico) os argumentos que sustentam a tese defendida pelos estudantes.*

3) A frase de conclusão da postagem autoral 2 é bastante significativa, pois apresenta como o usuário se sente diante do problema da falta de água. Mas ele não apresenta solução possível, apenas aponta para a economia através das perguntas “*Vocês economizam água? Vocês tem medo de ficar sem água? #DizAi*”.

Frase 3: *Um assunto que pra muitos não tem importância, mas tenho medo mesmo de ficar sem água kkk e por isso resolvi publicar aqui no nosso grupo.*

Professor, oriente seus alunos a desenvolver outras frases, posicionando-se a respeito do assunto. Sugira que apresentem possíveis soluções para o problema e agravamento da falta de água. Se preciso retome o debate sobre os textos e vídeos indicados nem **A hora e a vez da escrita**.

Oriente-os a exercitarem o encadeamento de frases.

4) Solicite aos alunos que juntem todas as frases construídas desde a questão 1 para visualizarem o texto produzido em seu conjunto. Como a atividade proposta será executada em partes, pode ser que eles não tenham percebido o uso de repetições desnecessárias. Por isso, oriente-os a revisarem o texto, retirando excessos, incluindo formas expressivas de nexos, acrescentando informações, excluindo contradições. Seria interessante o professor enfatizar aqui as partes da **Disposição** (exórdio, narração, confirmação, peroração/epílogo), apenas em nível de esclarecimento e estimulando os alunos a verificarem a presença desses elementos em seu texto.

Lembre, ainda, aos alunos, que eles devem se preocupar com o leitor que eles definiram para o seu texto, dentre as opções dadas na questão 1.

Atenção!

*Professor, a conclusão da tarefa só se dará com a publicação do texto no suporte definido previamente (valorizando a **Ação**, dentro do sistema retórico), que pode ser um jornal mural sobre o tema, um fanzine, um jornal escolar, um blog, o site da escola, a página do Facebook da escola, etc. Na proposta da questão 1, os alunos poderiam escolher um dos veículos: jornal, grupo e perfil do Facebook. É evidente que o debate deverá fazer parte do grupo criado para tal fim.*

Postagem autoral 3

Pense em uma coisa que tá sendo muito debatida agora: redução da maioria penal. Como todo mundo já sabe a maioria aqui no Brasil é 18 anos, agora pensem se uma pessoa de 14 anos teve a capacidade de ser persuadido a fazer uma coisa que não queria, ele deveria sim ir preso. Isso tá gerando muita polêmica então o que é que vocês acham ?!?!

Curtir: 2; Comentar: 4; Visualizado por 4

(FACEBOOK. Grupo Minha Voz, Minha Vez. Usuário 3. Acesso em 08/05/2015)

Nessa postagem, o usuário da rede social levantou uma questão bastante polêmica: **a redução da maioria penal**. Nos trechos destacados, ele expõe seu ponto de vista. Entretanto, observa-se uma inadequação de uso de um vocábulo e uma contradição em sua forma de dizer o que pensa. Essa inadequação e contradição revelam que nem sempre o enunciador tem consciência de sua posição no discurso ou que nem sempre o que está dito em um texto é o que o orador gostaria que fosse enunciado, ou seja, é preciso estar atentos ao dizer e ao dito.

Partindo dessa constatação, procure levar os alunos a refletirem sobre essas questões. Para isso, oriente-os a:

- Identificar o trecho em que ocorre a inadequação do uso vocabular e como ocorre essa contradição.
- A partir do tema levantado nessa postagem autoral, escrever um texto no qual exponha e defenda seu ponto de vista (deixando clara a posição do enunciador) para um grupo de vereadores da cidade que estão debatendo o tema em uma de suas sessões.

Atenção!

*Professor, não esqueça de sempre orientar os alunos a recorrerem aos textos e vídeos para buscar argumentos. Para o tema “Redução da maioria penal”, oriente-os a voltarem aos textos indicados em **A hora e a vez da leitura**.*

*Professor, todas os textos produzidos pelos alunos devem ser socializados. Essa socialização poderá ocorrer também em sala de aula. Nesse caso, como o público-alvo definido são os vereadores da cidade, então, é uma boa oportunidade de simular uma sessão de câmara de vereadores. Se considerar necessário, faça antes uma visita a uma sessão da câmara para que os alunos possam fazer a simulação de um debate em sala de aula. Assim, valoriza-se a **Ação** nas duas modalidades: escrita e oral.*

Ainda que tenhamos apresentado um conteúdo conceitual bastante grande, não tivemos a presunção de produzir um manual extensivo com exercícios contendo todas as noções abordadas. Pelo contrário, procuramos demonstrar que, em uma atividade simples de encadeamento de frases para construir um parágrafo, podemos garantir ao aluno um rico arcabouço de leitura e de reflexões acerca de um tema em diversos textos, de onde certamente tirarão seus argumentos em defesa de uma tese.

Demonstramos ainda que com tais atividades, é possível explorar o sistema retórico incluindo técnicas de retórica e de argumentação que poderão ser utilizadas em um exercício contínuo de argumentatividade. Para isso, consideramos que o grupo do Facebook presta-se a essa função: estimular o debate, promover a reflexão, a defesa e refutação de teses e fortalecer

a relação dialógica, característica dessa rede social, no contexto das interações comunicativas. Ressaltamos que, em nenhum momento, tivemos a pretensão de sobrepor o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação ao uso de outros recursos mais convencionais no ensino da linguagem. Salientamos, contudo, que, dadas as circunstâncias históricas e sociais de nosso tempo, é preciso incluir tais recursos na prática de ensino da língua, pois os gêneros textuais se modificam para atender às demandas da sociedade. Além disso, dada a diversidade de meios e a velocidade com que textos e discursos circulam diariamente, torna-se prudente incluir essas tecnologias no estudo dos recursos, estratégias e técnicas da linguagem. No caso específico deste trabalho, utilizamos a rede social Facebook como instrumento de apoio ao ensino de estratégias e técnicas de retórica e de argumentação, destacando sua importância para a motivação inicial para o exercício para argumentatividade.

Finalizamos, nossa explanação, conscientes de que, no universo do estudo e do ensino de língua portuguesa, este caderno é apenas a “ponta do novelo” na seara das possibilidades que temos de abordagem da língua e que nossa proposta valoriza as práticas de ensino na perspectiva do discurso. E é com o desejo e a esperança de ver o ensino de língua portuguesa voltado para seu uso efetivo, contribuindo para os jovens estudantes melhorarem sua capacidade de ação e reflexão, que convidamos o professor a enveredar conosco pelo universo retórico e a desbravar o conjunto de técnicas e estratégias possíveis para tornar o discurso de seus alunos mais persuasivo.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ARAÚJO, Rosana Sarita de. Letramento digital: conceitos e pré-conceitos. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO – MULTIMODALIDADE E ENSINO, 2, 2008, Recife. **Anais eletrônicos**. Recife: UFPE. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/simposio2008/anais/Rosana-Sarita-Araujo.pdf>. Acesso em 21/07/2014.

ARISTÓTELES. **Obras Completas. Retórica**. Pedro António Mesquita (coord.). Biblioteca de Autores Clássicos. 2 ed. revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FACEBOOK. Postagens autorais e comentários. Disponível em <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100004517439717&fref=ts>>. Acesso em: 21/07/2014.

_____. **Postagens autorais e comentários**. Grupo Minha Voz, Minha Vez, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/832948860086237/> . Acesso: 01/07/2015.

_____. **Postagens autorais e comentários: perfis e grupos do Facebook**. Disponível em <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100004517439717&fref=ts>>. Acesso em: 21/07/2014.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

GUIMARÃES, Elisa. Figuras de retórica e argumentação. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org). **Retóricas de ontem e de hoje**. 2 ed. São Paulo: Humanitas Editora / FFLCH/USP,2001, p. 145-160.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **Argumentação e linguagem**. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KÖCH, Vanilda Salton; Boff, Odete Maria Benetti; e MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LA SALLE. Rede La Salle. **Guia de Uso do Facebook**, 2015. Disponível em: <http://www.lasalle.edu.br/public/uploads/publications/institucional/188be507b064cdb964ee0974555099bd.pdf>. Acesso em: 18/01/2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MARIANO, Márcia Regina Curado Pereira. **As Figuras de Argumentação como estratégias discursivas**. Um estudo em avaliações no ensino superior. 2007, 231 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MEYER, Bernard. **A arte de argumentar**: com exercícios corrigidos. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

PERELMAN, Chaim; e OLBRECHTS- TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo Martins Fontes, 1996.

RIOLFI, Cláudia et al. **Ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2014 (Coleção Ideias em Ação, coordenada por Anna Maria Pessoa de Carvalho).

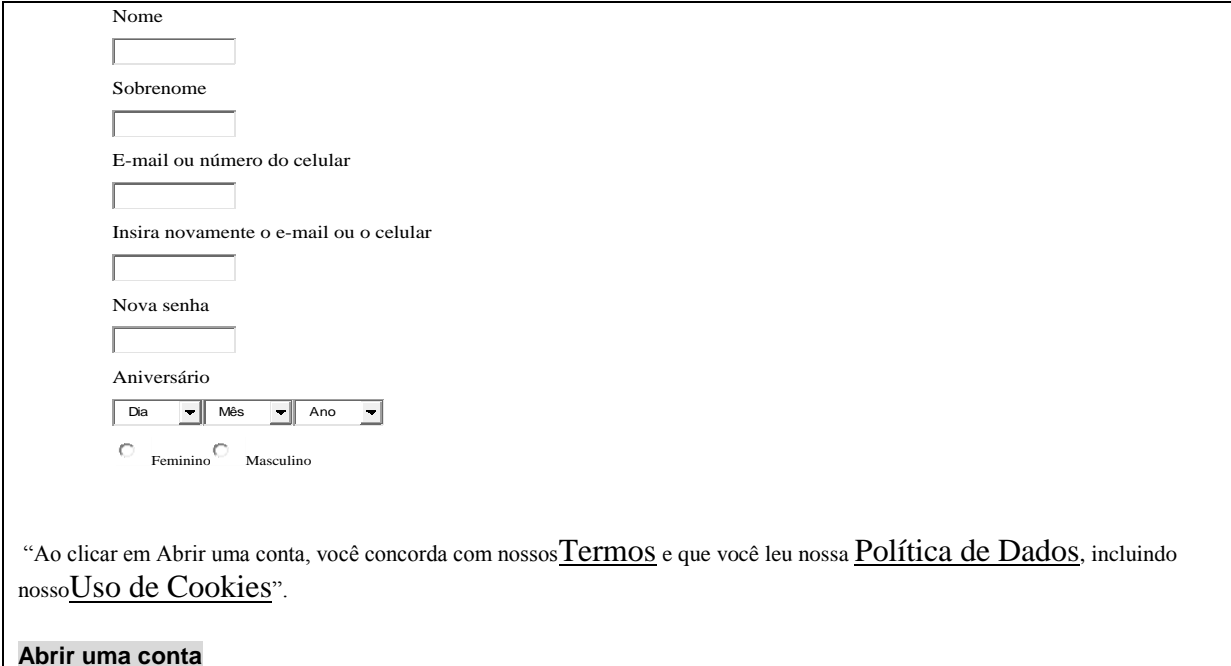
SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução Cláudia Schilling, 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

ANEXOS

ANEXO A - TUTORIAL: CRIAÇÃO DE GRUPO NO FACEBOOK

Para criar um grupo no Facebook é preciso ter uma conta na rede social e *logar-se* através de *login* (e-mail ou número de celular) e senha. Para fazer abrir uma conta no Facebook é preciso apenas dar as seguintes informações¹⁵:



The image shows a screenshot of the Facebook account creation form. It includes the following fields and options:

- Nome:
- Sobrenome:
- E-mail ou número do celular:
- Insira novamente o e-mail ou o celular:
- Nova senha:
- Aniversário: Da Mês Ano
- Sexo: Feminino Masculino

Below the form, there is a disclaimer: “Ao clicar em Abrir uma conta, você concorda com nossos [Termos](#) e que você leu nossa [Política de Dados](#), incluindo nosso [Uso de Cookies](#)”.

At the bottom left of the form, there is a button labeled **Abrir uma conta**.

Figura 1 – Dados necessários para abertura de uma conta no Facebook.

Ao acessar a conta, aparecerá a tela principal do perfil do usuário, onde encontrará a opção *Criar grupo*, à esquerda da tela do computador ou notebook. Clica-se sobre essa opção e uma nova tela será aberta. Nela o usuário deve colocar o nome do grupo, incluir os membros de sua rede de amigos verificar se amigos de amigos também podem ser inclusos, e a opção de privacidade – público, fechado, secreto. Preenchidas as informações solicitadas, deverá clicar sobre a opção no final da tela *Criar*.

¹⁵

Fonte: Página Oficial do Facebook: <https://www.facebook.com/>

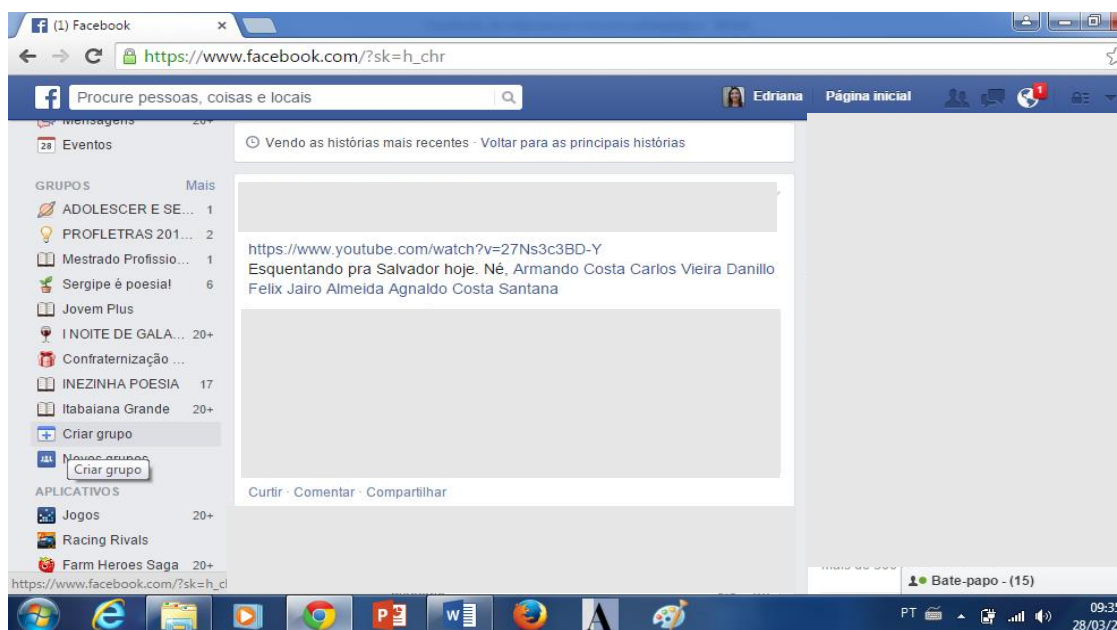


Figura 2 – Página de perfil do Facebook, após fazer *login* com usuário e senha.
 Fonte: Perfil da autora (www.facebook.com/edriana.rocha). Acesso em 28/03/2015)

Na tela aberta, o usuário deve colocar o nome do grupo, incluir os membros de sua rede de amigos verificar se amigos de amigos também podem ser inclusos, e a opção de privacidade – público, fechado, secreto. Preenchidas as informações solicitadas, clique sobre a opção no final da tela *Criar*. Uma janela será aberta para se escolher um ícone para o grupo.



Figura 3 – “Tela Criar novo grupo”
 Fonte: Perfil da autora: criação de grupo.

Uma nova janela será aberta, onde apareceram links, acompanhados de ícones, para o usuário colocar informações sobre o grupo como: *descrição*, onde o administrador coloca

informações e a finalidade do grupo, *ícone*, que aparecerá para os usuários ao lado do nome do grupo e *a foto de capa*



Figura 4 – Tela de inicial de grupo do Facebook em criação.

Fonte: Perfil da autora: criação de grupo.

Finalizadas essas etapas, abaixo dos ícones de descrição, foto de capa e ícone do grupo, à direita da tela, está a opção *Membros*, onde o administrador poderá adicionar pessoas ao grupo.

Com os membros adicionados, é só iniciar a discussão, clicando, no centro da tela, em *Publicar*, *Foto/Vídeo*, *Perguntar*, *Arquivo*, conforme o interesse. Pronto. O grupo já está em atividade e todos os membros serão notificados sobre toda e qualquer publicação feita no grupo.

ANEXO B - TEXTOS SUGERIDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES NO ITEM A HORA E A VEZ DA ESCRITA

Texto 1 - A vida em 2070

Estamos em 2070 e acabo de completar 50 anos, mas a minha aparência é de alguém com 85. Tenho sérios problemas renais porque bebo muito pouca água. Creio que me resta pouco tempo. Hoje sou uma das pessoas mais idosas nesta sociedade.

Recordo quando tinha cinco anos. Tudo era diferente. Havia muitas árvores nos parques, as casas tinham bonitos jardins e eu podia desfrutar de um banho de chuveiro...

Agora usamos toalhas de azeite mineral para limpar a pele.

Antes, todas as mulheres mostravam as suas formosas cabeleiras. Agora, devemos rapar a cabeça para a manter limpa sem água.

Antes, o meu pai lavava o carro com a água que saía de uma mangueira. Hoje, os meninos não acreditam que a água se utilizava dessa forma. Recordo que havia muitos anúncios que diziam CUIDE DA ÁGUA, só que ninguém lhes ligava - pensávamos que a água jamais podia acabar.

Agora, todos os rios, barragens, lagos e mantos aquíferos estão Irreversivelmente contaminados ou esgotados. Antes, a quantidade de água indicada como ideal para beber eram oito copos por dia por pessoa adulta. Hoje só posso beber meio copo.

A roupa é descartável, o que aumenta grandemente a quantidade de lixo e tivemos que voltar a usar os poços sépticos (fossas) como no século passado já que as redes de esgotos não se usam por falta de água.

A aparência da população é horrorosa; corpos desfalecidos, enrugados pela desidratação, cheios de chagas na pele provocadas pelos raios ultravioletas que já não tem a capa de ozônio que os filtrava na atmosfera. Imensos desertos constituem a paisagem que nos rodeia por todos os lados. As infecções gastrointestinais, enfermidades da pele e das vias urinárias são as principais causas de morte.

As indústrias estão paralisadas e o desemprego é dramático. As fábricas dessalinizadoras são as principais fontes de emprego e pagam-nos em água potável os salários.

Os assaltos por um bidão de água são comuns nas ruas desertas. A comida é 80% sintética. Pela ressequidade da pele, uma jovem de 20 anos está como se tivesse 40. A idade média é de 35 anos.

Os cientistas investigam, mas não parece haver solução possível. Não se pode fabricar água, o oxigênio também está degradado por falta de árvores e isso ajuda a diminuir o coeficiente intelectual das novas gerações.

Alterou-se também a morfologia dos espermatozoides de muitos indivíduos e como consequência há muitos meninos com insuficiências, mutações e deformações.

O governo cobra-nos pelo ar que respiramos (137m³ por dia por habitante adulto). As pessoas que não podem pagar são retiradas das "zonas ventiladas".

Estas estão dotadas de gigantescos pulmões mecânicos que funcionam a energia solar. Embora não sendo de boa qualidade, pode-se respirar.

Em alguns países existem manchas de vegetação normalmente perto de um rio, que é fortemente vigiado pelo exército. A água tornou-se num tesouro muito cobiçado - mais do que o ouro ou os diamantes.

Aqui não há árvores porque quase nunca chove e quando se registra precipitação, é chuva ácida. As estações do ano tem sido severamente alteradas pelos testes atômicos e pelas indústrias contaminadas do século XX.

Advertiam-nos que devíamos cuidar do meio ambiente e ninguém fez caso. Quando a minha filha me pede que lhe fale de quando era jovem descrevo o bonito que eram os bosques, lhe falo da chuva, das flores, do agradável que era tomar banho e poder pescar nos rios e barragens, beber toda a água que quisesse, o saudável que era a gente.

Ela pergunta-me: Papai, porque acabou a água?

Então, sinto um nó na garganta; não deixo de me sentir culpado, porque pertencço à geração que foi destruindo o meio ambiente ou simplesmente não levamos em conta tantos avisos. Agora os nossos filhos pagam um preço alto e sinceramente creio que a vida na terra já não será possível dentro de muito pouco tempo porque a destruição do meio ambiente chegou a um ponto irreversível.

Como gostaria de voltar atrás e fazer com que toda a humanidade compreendesse isto, quando ainda podíamos fazer algo para salvar ao nosso Planeta Terra!

(Revista "Crónicas de los Tiempos", de abril de 2002. Disponível em: <http://franciellepajola.blogspot.com.br/2013/04/carta-escrita-no-ano-2070.html>. Acesso em: 16/6/2015. Encontra-se disponível também o vídeo-texto na página do Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=jUpVH-hjcd0>)

Texto 2 - A água no mundo e sua escassez no Brasil

Leonardo Boff ¹⁶ (02/02/2015)

A atual situação de grave escassez de água potável, afetando boa parte do Sudeste brasileiro onde se situam as grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, nos obriga, como nunca antes, a repensar a questão da água e a desenvolver uma cultura do cuidado, acolitado por seus famosos erros (r): reduzir, reusar, reciclar, respeitar e reflorestar.

Nenhuma questão hoje é mais importante do que a da água. Dela depende a sobrevivência de toda a cadeia da vida e, conseqüentemente, de nosso próprio futuro. Ela pode ser motivo de guerra como de solidariedade social e cooperação entre os povos. Especialistas e grupos humanistas já sugeriram um pacto social mundial ao redor daquilo que é vital para todos: a água. Ao redor da água se criaria um consenso mínimo entre todos, povos e governos, em vista de um bem comum, nosso e do sistema-vida.

Independentemente das discussões que cercam o tema da água, podemos fazer uma afirmação segura e indiscutível: *a água é um bem natural, vital, insubstituível e comum*. Nenhum ser vivo, humano ou não humano, pode viver sem a água. A ONU no dia 21 de julho de 2010, aprovou esta resolução: “*a água potável e segura e o saneamento básico constituem um direito humano essencial*.”

Consideremos rapidamente os dados básicos sobre a água no planeta Terra: ela já existe há 500 milhões de anos; 97,5% das águas dos mares e dos oceanos são salgadas. Somente 2,5% são doces. Mais de 2/3 dessas águas doces encontram-se nas calotas polares e geleiras e no cume das montanhas (68,9%); quase todo o restante (29,9%) são águas subterrâneas. Sobram 0,9% nos pântanos e apenas 0,3% nos rios e lagos. Destes 0,3%, 70% se destina à irrigação na agricultura, 20% à indústria e restam apenas 10% destes 0,3% para uso humano e dessedentação dos animais.

Existe no planeta cerca de um bilhão e 360 milhões de km cúbicos de água. Se tomarmos toda a água dos oceanos, lagos, rios, aquíferos e calotas polares e a distribuíssemos equitativamente sobre a superfície terrestre, a Terra ficaria mergulhada debaixo da água a três km de profundidade.

¹⁶ Leonardo Boff é um dos iniciadores da chamada Teologia da Libertação – que trabalha pelo direito dos pobres, o direito à vida e à liberdade – ganhou vários prêmios na luta em favor dos marginalizados. Foi ordenado sacerdote da Igreja Católica, mas deixou a igreja pelas posições consideradas polêmicas levantadas pela Teologia da Libertação. Atualmente, ele assessora comunidades de base e ministra cursos em universidades brasileiras e estrangeiras. É colunista do JBoonline e escreveu *Do iceberg à arca de Noé*, Mar de Idéias, Rio, 2010. Fonte: <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/02/02/a-agua-no-mundo-e-sua-escassez-no-brasil/>.

A renovação das águas é da ordem de 43 mil km cúbicos por ano, enquanto o consumo total é estimado em 6 mil km cúbicos por ano. Portanto, não há falta de água.

O problema é que se encontra desigualmente distribuída: 60% em apenas 9 países, enquanto 80 outros enfrentam escassez. Pouco menos de um bilhão de pessoas consome 86% da água existente enquanto para 1,4 bilhões é insuficiente (em 2020 serão três bilhões) e para dois bilhões, não é tratada, o que gera 85% das doenças segundo OMS. Presume-se que em 2032 cerca de 5 bilhões de pessoas serão afetadas pela escassez de água.

O Brasil é a potência natural das águas, com 12% de toda água doce do planeta perfazendo 5,4 trilhões de metros cúbicos. Mas é desigualmente distribuída: 72% na região amazônica, 16% no Centro-Oeste, 8% no Sul e no Sudeste e 4% no Nordeste. Apesar da abundância, não sabemos usar a água, pois 37% da tratada é desperdiçada, o que daria para abastecer toda a França, a Bélgica, a Suíça e norte da Itália. É urgente, portanto, um novo padrão cultural em relação a esse bem tão essencial (cf. o estudo mais minucioso organizado pelo saudoso Aldo Rabouças, *Águas doces no Brasil*: Escrituras, SP 2002).

Uma grande especialista em água que trabalha nos organismos da ONU sobre o tema, a canadense Maude Barlow, afirma em seu livro “*Água: pacto azul* (2009): “A população global triplicou no século XX mas o consumo da água aumentou sete vezes. Em 2050 quando teremos 3 bilhões de pessoas a mais, necessitaremos de 80% a mais de água somente para o uso humano; e não sabemos de onde ela virá”. Esse cenário é dramático, pois coloca claramente em xeque a sobrevivência da espécie humana e de grande parte dos seres vivos.

Há uma corrida mundial para privatização da água. Ai surgem grandes empresas multinacionais como as francesas Vivendi e Suez-Lyonnaise a alemã RWE, a inglesa Thames Water e a americana Bechtel. Criou-se um mercado das águas que envolve mais de 100 bilhões de dólares. Ai estão fortemente presentes na comercialização de água mineral a Nestlé e a Coca-Cola que estão buscando comprar fontes de água por toda a parte no mundo, inclusive no Brasil.

Mas há também fortes reações das populações como ocorreu no ano 2000 em Cochabamba na Bolívia. A empresa América Bechtel comprou as águas e elevou os preços a 35%. A reação organizada da população botou a empresa para correr do país.

O grande debate hoje se trava nestes termos: A água é fonte de vida ou fonte de lucro? A água é um bem natural, vital, comum e insubstituível ou um bem econômico a ser tratado como recurso hídrico e posto à venda no mercado?

Ambas as dimensões não se excluem mas devem ser retamente relacionadas. Fundamentalmente a água pertence ao direito à vida, como insiste o grande especialista em

águas Ricardo Petrella (*O Manifesto da Água*, Vozes 2002). Nesse sentido, a água de beber, para uso na alimentação e para higiene pessoal e dessedentação dos animais deve ser gratuita.

Como porém ela é escassa e demanda uma complexa estrutura de captação, conservação, tratamento e distribuição, implica uma inegável dimensão econômica. Esta, entretanto, não deve prevalecer sobre a outra; ao contrário, deve torná-la acessível a todos e os ganhos devem respeitar a natureza comum, vital e insubstituível da água. Mesmo os altos custos econômicos devem ser cobertos pelo Poder Público.

Não há espaço para discutir as causas da atual seca. Remeto ao estudo do importante livro do cientista Antonio Donato Nobre “*O futuro climático da Amazônia*”, lançado em meados de janeiro deste ano de 2015 em São Paulo, onde afirma que a mudança climática é um fato de ciência e de experiência. Adverte: “estamos indo para o matadouro”.

Uma fome zero mundial, prevista pelas Metas do Milênio, deve incluir a sede zero, pois não há alimento que possa existir e ser consumido sem a água.

A água é vida, geradora de vida e um dos símbolos mais poderosos da natureza da Última Realidade. Sem a água não viveríamos.

Texto 3 - Redução da maioria penal: quando eu tenho medo da maioria

Leonardo Sakamoto (15/04/2015)

Pesquisa Datafolha, divulgada nesta quarta (15), aponta que 87% da população é a favor da redução da maioria penal de 18 para 16 anos. Ao todo, 11% são contrários à alteração, 1% foi indiferente e outro 1% não soube responder.

A maior rejeição à proposta está entre os que têm ensino superior (23%) e os mais ricos (25%). E 74% da população apoia a redução para qualquer tipo de crime e não apenas os hediondos.

A análise que já fiz, neste blog, permanece atual. Não fiquei surpreso com o índice de 87% – ainda mais com redes sociais, listas de WhatsApp e determinados programas “jornalísticos” na TV batendo bumbo, dia e noite, a favor da proposta.

O que me surpreende, de verdade, é ainda termos 11% de pessoas que não se deixaram levar por soluções fáceis, que vão atacar consequências e não as causas.

Primeiro, vale a pena sempre lembrar: uma democracia verdadeira passa pelo respeito à vontade da maioria, desde que garantindo a dignidade das minorias.

Até porque, como sabemos, a maioria pode ser avassaladoramente violenta. Se não forem garantidos os direitos fundamentais das minorias (e quando digo “minorias”, não estou falando de uma questão numérica mas, sim, do nível de direitos efetivados, o que faz das mulheres uma minoria no país), estaremos apenas criando mais uma ditadura.

Não se governa por plebiscito. Porque ao jogar para a massa, a dignidade de um grupo pode ir para o chinelo. Porque não são minorias as responsáveis por fazerem as perguntas levadas à consulta, mas, pelo contrário, quem está no poder.

O direito ao aborto e à eutanásia, a rejeição à redução da maioridade penal e a descriminalização da maconha, se levadas a plebiscito, hoje, perderiam. Mas, olhe que interessante: a taxação de grandes fortunas, a auditoria na dívida brasileira ou mesmo a rejeição ao projeto que amplia a terceirização (4330/2004) certamente ganhariam.

Agora me digam: qual estaria mais perto de ir a uma consulta? Por quê?

Fico minimamente aliviado que decisões do Supremo Tribunal Federal sobre a interpretação da Constituição Federal visando à garantia desses direitos não têm sido tomadas necessariamente com base em pesquisas de opinião ou para onde sopra a opinião pública em determinado momento depois de um crime bárbaro.

Pois, quando isso acontece, a população, feito uma horda desgovernada, pede um misto de Justiça e de vingança com as histórias de violência. Olho por olho, dente por dente, para a felicidade de Hamurabi. Afinal de contas, aquele bando de assassinos da Fundação Casa deveria é ser transferido para a prisão e apodrecer por lá, não é mesmo? Não importa que menos de 1% dos jovens internados na antiga Febem estão envolvidos com latrocínios. Se a gente diz que a culpa é deles, é porque alguma coisa fizeram de errado.

A Fundação Casa, do jeito que está, não reintegra, apenas destrói. A prisão, então, nem se fala. Mandar um jovem para lá e desistir dele, para quê? Para que, daqui a 30 anos, ele volte e desconte tudo? Reduzir a maioridade penal para 16 anos só fará com que pessoas aprendam mais cedo a se profissionalizar no crime. E se jovens de 14 começarem a roubar e matar, podemos mudar a lei no futuro também. E daí se ousarem começar antes ainda, 12. E por que não dez, se fazem parte de quadrilhas? Aos oito já sabem empunhar uma arma. E, com seis, já se vestem sozinhos.

Um dos maiores acertos de nosso sistema legal é que, pelo menos em teoria, protegemos os mais jovens – que ainda não completaram um ciclo de desenvolvimento mínimo, seja físico ou intelectual, a fim de poderem compreender as consequências de seus atos.

Completar 18 anos não é uma coisa mágica, não significa que as pessoas já estão formadas e prontas para tudo ao apagarem as 18 velinhas. Mas é uma convenção baseada em alguns fundamentos biológicos e sociais. E, o importante, é que as pessoas se preparam para essa convenção e a sociedade se organiza para essa convenção.

Podemos mudar a convenção, mas isso não garante que a sociedade mude junto e se adapte a essa nova realidade. Pois o problema não é a idade, mas qual destino possibilitamos a esses jovens.

Ninguém está defendendo o crime, muito menos bandidos. Até porque, adolescentes que cometeram infrações são internados por até três anos e eles efetivamente são. O que está em jogo aqui é que tipo de sociedade estamos nos tornando ao defendermos a redução da maioridade penal.

Decretamos a falência do Estado e a inviabilidade do futuro e assumimos o “cada um por si e o sobrenatural por todos”? Do que estamos abrindo mão ao pregar que as falhas na formação da juventude sejam corrigidas de uma forma que, como já ficou provado, não funciona, é apenas vingança?

(Blog do Sakamoto. Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/04/15/reducao-da-maioridade-penal-quando-eu-tenho-medo-da-maioria/>)

Texto 4 - Refutando argumentos contrários

[Fragmento]

(Luiz Flávio Gomes)¹⁷

Ainda que se diga que o problema é de ausência de políticas públicas, nada se fez até hoje e não podemos deixar de punir com maior rigor aquele adolescente que mata, ou comete violência repugnante, contra vítimas inocentes. Esse rigor, que pretendemos, não é incompatível com as referidas políticas públicas.

Levantamentos que dizem que crimes praticados por menores de 18 anos representam baixo percentual, não elide que adolescentes em conflito com a lei não possam ter punição

¹⁷ Luiz Flávio Gomes é Jurista e professor. Fundador da Rede de Ensino LFG. Diretor-presidente do Instituto Avante Brasil. Foi Promotor de Justiça (1980 a 1983), Juiz de Direito (1983 a 1998) e Advogado (1999 a 2001)

compatível e proporcional com a gravidade do fato praticado, pois as vítimas não podem estar sendo expostas a tais riscos. Não seria importante é minimizar a possibilidade de surgir uma nova vítima?

O argumento de que, com a redução, os maiores, que se aproveitariam de jovens menores de 18 anos em crimes, sobretudo o tráfico de drogas, iriam reduzir a faixa etária do aliciamento, passando a recrutar crianças mais jovens, é falacioso, pois jovens com 15, 16 ou 17 anos têm mais estrutura física e mental para tal prática.

Um suposto aumento da população carcerária, caso fosse aprovada a redução da maioria penal, não ocorreria caso aos jovens em conflito com a lei continuassem nas unidades de internação, por um período maior e depois, por exemplo, progrediria para regime semiaberto ou aberto, conforme lei de execução penal, sempre separados dos adultos.

Dizer que seriam atingidos pela redução da maioria penal só os menores carentes e abandonados, não podem deixar encobrir o conflituoso que mata, aleija, estupra ou ofende a integridade, com gravidade de pessoas inocentes e trabalhadoras.

Ademais, não podemos fazer vistas grossas às pesquisas de opinião pública que aprovam em mais de 93% a redução da maioria penal, como bem demonstrou reportagem recente do jornal “*A Folha de São Paulo*”, ou uma enquete no jornal “*A Tribuna da Bahia*”, que, na sua enquete, mais de 92% dos internautas votaram no mesmo sentido. Portanto, a idéia é que a redução da maioria penal e uma maior punição para quem colocar o jovem no mundo crime provoquem um impacto social tão grande, desestimulando-o do mundo infracional, bem como seus corruptores.

Alterações pontuais no ECA não vão minimizar a nossa sensação de impotência e impunidade quanto às infrações praticadas por adolescente. Precisamos de mudanças de impacto.

(Portal JusBrasil. Disponível em: <http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121931855/eu-e-93-da-populacao-somos-a-favor-da-reducao-da-maioridade-penal-diz-juiz-da-infancia-da-ba>)